

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL

ANA PAULA DE FREITAS PEREIRA REIS
LISANDRA MINTO LOURENÇO
SÔNIA FERREIRA
VIVIANA GIRELLO NORONHA

**A ARTE NOS ATRAVESSA, O DESEJO NOS CONSOME,
O CORPO PENSA E CRIA...**

Campinas
2009

ANA PAULA DE FREITAS PEREIRA REIS
LISANDRA MINTO LOURENÇO
SÔNIA FERREIRA
VIVIANA GIRELLO NORONHA

**A ARTE NOS ATRAVESSA, O DESEJO NOS CONSOME,
O CORPO PENSA E CRIA...**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Infantil, pelo Curso de Especialização em Educação Infantil da Universidade Estadual de Campinas.

Orientadora: Prof^a D^a Ingrid Hötte Ambrogi

Campinas
2009

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/ UNICAMP**

Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

Reis, Ana Paula de Freitas Pereira.
Ar75 A arte nos atravessa, o desejo nos consome, o corpo pensa e cria... / Ana
Paula de Freitas Pereira Reis... [et al.]. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.

Orientador : Ingrid Hötte Ambrogi.
Trabalho de conclusão de curso (especialização em Educação) –
Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Artes. 2. Corpo. 3. Criação. 4. Criança. 5. Educação infantil. I.
Lourenço, Lisandra Minto. II. Ferreira, Sônia. III. Noronha, Viviana Girello.
IV. Ambrogi, Ingrid Hötte. V. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade
de Educação. VI. Título.

10-0108-BFE

Dedicamos este trabalho às nossas mães e pais,
Aos maridos e companheiros,
Aos nossos filhos e filhas,
Aos nossos irmãos e irmãs,
Pela sua compreensão e paciência, pelos
momentos de nossa ausência,
Por partilharem conosco deste desejo, deste
sonho, por nos fazer sentir capazes a enfrentar e
vencer este desafio,
Que oferecemos de coração a todos eles...

AGRADECIMENTOS

À Prefeitura Municipal de Campinas, em especial à Secretaria da Educação, pela iniciativa de nos proporcionar esta significativa formação, firmando um convênio com a Universidade Estadual de Campinas - Unicamp.

À Faculdade de Educação da Unicamp por aceitar esta parceria.

À coordenadora e professora do nosso curso, Dra. Ana Lúcia Goulart de Faria, por sua dedicação e empenho em pesquisar e dar voz às crianças pequenas e pequenininhas; que a todo o momento nos provocou, nos “cutucou” de forma contundente, a ter um olhar mais crítico e apurado para o estudo da criança e da infância, para a importância da constante busca pela formação; que nos ensinou a ser professoras de crianças, que não é igual a ser professora que dá aula, como ela mesma diz.

À nossa professora orientadora Dra. Ingrid Hötte Ambrogi, pela sua paciência, por suas contribuições, pelo apoio nos momentos de incerteza, pelo incentivo a seguir em frente e, principalmente, pelo seu encantamento pela arte, que nos contagiou e fez aflorar a escolha do tema de nossa pesquisa.

A todas as professoras do curso de Especialização em Educação Infantil, que também muito contribuíram com seu comprometimento e com a oportunização de novos conhecimentos.

Às nossas colegas de curso, que também nos fortaleceram a ir em frente e que nos possibilitaram trocas de experiências muito enriquecedoras.

À Lígia, que nos incentivou, estudou conosco e nos provocou com questões que nos fizeram adentrar em nossos estudos.

Às professoras de educação infantil Adriana, Luciane, Maria Inês e Wania, que colaboraram prontamente com nossa pesquisa, registrando um relato sobre sua história de vida e trajetória profissional.

Aos amigos e amigas que nos acolheram, aos que nos fizeram refletir sobre alguns conceitos e àqueles que só de nos dar um sorriso nos fortaleciam e nos encorajavam para que levássemos adiante.

À Eliana e à Bia, que muito se esforçaram e contribuíram para a realização e o andamento deste curso, estando sempre disponíveis a esclarecer, a tirar dúvidas, nos apoiando a todo o momento.

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo investigar as relações entre a arte, o corpo e o processo criativo como elementos constitutivos dos seres humanos, implícitos nas diversas culturas que norteiam suas ações e pensamentos, a fim de compreender os encontros e desencontros do mundo das infâncias no âmbito da educação infantil. No diálogo com autores da filosofia como Mariguela, Brancatti, Danelon e Cypriano e com a pedagogia das infâncias, com os autores Kramer, Prado, Malaguzzi, Faria, Valverde, Dalhberg, Moss, Pence, Leite, Ostetto, Loponte, Duarte Jr., Gobbi e Mello, o estudo aponta para a necessidade de possibilitar experiências educacionais que estimulem a construção de um olhar mais apurado, a escuta, a observação, a percepção, a fruição das múltiplas linguagens, concebendo a arte como produção de conhecimentos e a sua ligação direta com as produções culturais dos corpos que falam, pensam e criam. O diálogo perpassa pela práxis de quatro professoras de educação infantil da cidade de Campinas-SP, em Escolas e Centros Municipais de Educação Infantil, no ano de 2009. A pesquisa inicia com um referencial teórico filosófico sobre arte, corpo e processos de criação. Em seguida, a arte é concebida no contexto da infância e a criança pequena é percebida como sujeito criativo. Por último, traz em consonância e dissonância com as teorias apresentadas, uma análise dos relatos de experiências dessas professoras. A metodologia de pesquisa utilizada é a pesquisa qualitativa, considerando as inter-relações entre as teorias e os relatos de experiências. A proposta é inspirar reflexões que oportunizem uma educação em que a arte é percebida como fundamento da vida, atravessando os corpos, os processos de construção de conhecimentos, as vivências, as experiências.

Palavras-chave: arte, corpo, criação, criança, educação infantil.

ABSTRACT

This research aims to investigate the relationship between art, human being and the creative process, as constitutive elements of human beings, implicit in the various cultures that guides their actions and thoughts, in order to understand the similarities and differences with regard to the world of childhood, specifically early childhood education. In the dialogue with the authors of philosophy as Mariguela, Brancatti, Danelon e Cypriano and concerning the pedagogy of childhood, with the authors Kramer, Prado, Malaguzzi, Faria, Valverde, Dalhberg, Moss, Pence, Leite, Ostetto, Loponte, Duarte Jr., Gobbi e Mello, the study points to the need of providing educational experiences that stimulate development of the following processes: ability to more closely examine ideas, listening, observing, perceiving, and enjoyment of multiple languages, by designing art-as-knowledge awareness, and its direct link to the cultural expression of bodies that speak, think and create. The dialogue interrogates the practices of four individual teachers of early childhood education in the city of Campinas-SP, in schools and municipal centers Early Childhood Education programs, in the year 2009. The research starts with a discourse on the theoretical philosophical of art, human being and the processes of creation. Then art is reviewed in the context of childhood, and the young child is presented as a Creative Subject. Finally, the analysis is brought in line with the theories afore-described, an analysis of the reported of these same four teachers. The research methodology used is Qualitative Research, considering of the interrelationship between the theories and the reports of experiences-in-the-field. The proposal is: to inspire thoughts that nurture an education in which Art is seen as the foundation of Life, through utilization of the human being, and knowledge-building process of experiences and experiments.

Keywords: art, human being, creation, child, early childhood education.

SUMÁRIO

1	FAZER DA VIDA UMA OBRA DE ARTE É A NOSSA ROTA DE VIAGEM.....	01
2	OLHOS DA ARTE: REAL E IMAGINÁRIO SE ENTRELAÇAM CRIANDO UM NOVO MUNDO.....	05
3	PINTANDO CENÁRIOS, ELO ENTRE CORPOS, REINVENÇÃO DA PRÓPRIA VIDA.....	16
4	CONTANDO PONTOS, TECENDO HISTÓRIAS: ENCONTROS E DESENCONTROS COM A ARTE.....	29
5	CONCLUSÕES FINAIS (?) - UM CAMINHO PROPOSTO, UM ROTEIRO DE VIAGEM.....	53
	BIBLIOGRAFIA.....	60
	ANEXOS.....	65
	Anexo A - Poesia de Loris Malaguzzi – Ao contrário, as cem existem.....	66

1 FAZER DA VIDA UMA OBRA DE ARTE É A NOSSA ROTA DE VIAGEM

Esta pesquisa tem como objetivo investigar as relações entre arte, corpo e processo criativo na constituição dos seres humanos e discutir de que maneira estes elementos perpassam a educação.

As inquietações que nos instigaram a pesquisar este tema surgiram enquanto estudantes-docentes do Curso de Especialização em Educação Infantil; fomos sensibilizadas e provocadas a ter um novo olhar para a arte, concebendo-a como elemento constitutivo do ser humano, arte permeando a vida, atravessando as nossas emoções, os nossos sentimentos, as nossas vivências, os corpos, a construção dos nossos conhecimentos...

Estes “elementos constituintes” dos seres humanos, não são elementos que guardam em si uma única significação, não há regras a seguir, não há normas, não há códigos. Há um novo olhar, um novo saber, uma nova significação, onde nasce a transgressão dos estilos, das combinações, das construções, dos conhecimentos, do próprio imaginário, dos elementos estéticos. Há corpos estranhando o comum e se acalmando com o estranho. Há corpos descobrindo que a beleza não está nos objetos, senão todos olhariam e achariam belo. A beleza também não está na consciência, distante dos objetos do mundo. Não basta lembrarmos experiências passadas para experienciar a beleza. A beleza aparece entre os seres humanos e suas relações com o mundo. Como já disse o poeta Fernando Pessoa “A beleza é o nome de qualquer coisa que não existe/ Que dou às coisas em troca do agrado que me dão”. Porém a beleza pode surgir de qualquer tipo de relação, assumida com a atitude do sujeito diante do mundo – um ato poético.

No contexto da educação infantil, as vivências, as observações, as trocas com nossos pares, enfim, os vários tipos de relações estabelecidas entre adultos e crianças pequenas, nos colocaram frente a encontros e desencontros com a arte no fazer pedagógico.

Diante do desafio de compreender os olhares das professoras de educação infantil para a arte, nos fundamentamos em teorias que nos respaldassem, buscando através dos relatos de experiências de quatro professoras de educação infantil, como esses se configuraram como subsídio para investigar as inter-relações entre arte, corpo e processo de criação.

Para tanto, na parte intitulada Olhos da arte: real e imaginário se entrelaçam criando um novo mundo, trazemos um referencial pautado em um arcabouço filosófico, contextualizando a arte como fundamento da vida e o corpo no processo de criação. Partir desta contextualização foi fundamental para situar a pesquisa e, assim, detectar elementos que nos permitam apresentar a nossa concepção e o nosso posicionamento para esta discussão: que olhares lançamos para a arte? Assim,

É o convite da arte que chega, chamando ao ensaio de novos olhares, ao dar-se conta do olhar, do ato de contemplar uma pintura, de entrar na dança, arriscando passos, de fazer, experimentar, sentir a sensação de caos, da frustração, do erro e também a satisfação da realização, do acerto. Arte é isto: totalidade! (Leite e Ostetto, 2004, p. 12)

A arte tem sua essência em si, ela não pode ser pretexto para nada, ela não pode ser usada para tentar tornar simples, introdutório ou gostoso, aquilo que está por vir...

Defendemos aqui um olhar estético, que nos permite ver o mundo e perceber que ele não está pronto, a vida não está acabada e a criança assim como o adulto, não é um infante, mas sujeito criador, capaz de construir desenhos, esculturas, danças, poesia e uma vida inundada: a relação estética com a vida.

Na parte intitulada Pintando cenários, elo entre corpos, reinvenção da própria vida, a relação entre a arte e as produções culturais na educação infantil, se faz necessária e desafiadora. Não é novidade que o diálogo da arte com as instituições educacionais tem sido a princípio apenas conceitual e, como resultado, conflituosa. A arte é transgressora, tem sua própria essência; já as instituições educacionais têm sido pautadas pela normatização.

Assim, esta discussão, entre arte e educação, se tornou muito importante e relevante nesta pesquisa, que pretende dar ênfase nas produções culturais realizadas pelas crianças pequenas. Essas produções culturais são construídas socialmente, a partir das interações sociais, das interações com o meio e não são apenas internalizadas pelas crianças, mas sim transformadas por elas a partir das suas próprias culturas, que são resultantes de seus processos criativos, adquiridos através da organização e construção de seus conhecimentos de mundo. As experiências inéditas, as diversidades e as desigualdades, são naturalmente

absorvidas, observadas, aprendidas e interpretadas pelas crianças, que compreendem suas lógicas e constroem significados, compartilhando experiências com outras pessoas.

Nesse sentido, compreender as infâncias é compreender experiências sociais e pessoais construídas e ressignificadas pelas crianças; é compreender dentro deste contexto, as produções culturais das mesmas; é compreender que as crianças pequenas são protagonistas de seu processo de socialização nos diferentes espaços culturais em que vivem, que constroem culturas e conhecimentos, por meio de seus variados processos criativos.

Na parte intitulada Contando pontos, tecendo histórias: encontros e desencontros com a arte, pretendemos provocar o questionamento, despertar a curiosidade e causar espanto, diante de fatos e discussões que apresentamos aqui, que muitas vezes passam despercebidos no dia-a-dia. Com esse intuito, trouxemos as análises e discussões das inter-relações entre as teorias e fomos à investigação dos relatos das experiências de quatro professoras, que atuam na educação infantil da Secretaria Municipal de Campinas.

Optamos, portanto, neste momento, em adentrar nas histórias de vidas que foram narradas pelas professoras que contribuíram com esta pesquisa e, discutir se e de que forma, as experiências estéticas aparecem em suas vidas e em suas práticas educacionais; como elas concebem a arte; de que forma a arte surge nas relações entre e com as crianças; como esta arte é percebida pelas professoras e pelas crianças; como são vistos os processos criativos; e, de que maneira os corpos mergulham no universo da arte.

Trata-se de um caminho proposto, de uma viagem à imaginação ou à realidade, trazendo histórias de vidas, desejos de crianças, travessuras e gostosuras de infâncias, medos e traumas inevitáveis, sonhos transformados em realidade...

O leitor pode e deve traçar todo o percurso dessa viagem, da maneira que achar mais confortável; se ao sentar numa poltrona bem macia esta não amortecer o impacto de uma turbulência, pedimos que prossiga, quem sabe um cinto de segurança ajude...ou até mesmo alterar a rota, reprogramando a viagem.

Quais as concepções de arte que fundamentam a vida na escola e fora dela? Quais as influências que perpassam pelas discussões e práticas dessas professoras quando estão diante de crianças que têm sede de criar, de transgredir, de ousar, de organizar e vivenciar experiências novas?

Sendo assim, convidamos todos os leitores a viajar conosco nesta produção coletiva de saberes, como é a própria vida e como é a própria filosofia....

Esta pesquisa foi pensada como um ponto de partida que viabilize múltiplos exercícios de reflexões, de volta ao passado, de olhar o presente com olhos sensíveis e apurados e não se preocupar com o futuro incerto...

2 OLHOS DA ARTE: REAL E IMAGINÁRIO SE ENTRELAÇAM CRIANDO UM NOVO MUNDO

Iniciamos nossas indagações partindo de Mariguela (2003, p.95), que nos instiga a “[...] *fazer da própria vida uma obra de arte*”.

Com esta frase de tamanha sensibilidade, nos inspiramos para iniciar nossas primeiras reflexões a respeito da arte.

Seres humanos, assim denominados, devemos nos inclinar à criativa tarefa de viver. Tarefa essa que implica em frequentar o mundo com os sentidos abertos.

Quantas vezes nos pegamos, pensando no que fazer com nossas vidas... Desde o nascimento, durante o caminhar, a vida se desenrola como um fio contínuo, num movimento incessante que nos atravessa.

A caminhada é árdua, repleta de obstáculos inusitados, evidências, dúvidas, coincidências, momentos percebidos como bons ou ruins, alegres ou tristes, com desencanto e com encantamento, dor e amor, desânimo, desejos...

Podemos dizer como Mariguela (2003, p.96) que

[...] é o desejo que nos coloca nesse movimento da vida, pois nos leva a mirar as possibilidades de ação. Agimos no mundo movidos pelos desejos. Nossas atividades, racionais e físicas, estão sustentadas pelo desejo de nos tornarmos seres humanos. Apropriar-nos do leme de nossas vidas e realizar a travessia é realizar uma ética fundada na estética [...].

Assim, pensando, sentindo, agindo, sofrendo e sorrindo, constituímos-nos humanos, construindo nossas vidas, nossas experiências, nossos conhecimentos, nossa arte, sempre permeados por este desejo.

A frase trazida por Mariguela, “[...] *fazer da própria vida uma obra de arte*” (op.cit), remete-nos ao belo, a olhar e vislumbrar o belo, a criar e a viver a vida com beleza. Assim como faz o artista com sua obra, podemos fazer o mesmo com nossa vida; podemos viajar em nossos pensamentos, olhar para tudo com sensibilidade, colorir as tristezas, estranhar o que há de mais comum. Mas, será que nesta trajetória, neste caminhar há espaços para a criatividade? Mariguela (2003, p.96) afirma que não, pois segundo ele: “[...] as condições existentes em nossa sociedade se impõem como adversas à criatividade”.

E, ainda, completa duramente sua constatação levando-nos a refletir sobre a seguinte metáfora:

As condições temporais são adversas para a travessia do barco. No oceano da vida, tempestades são constantes. A natureza nos ameaça com forças de destruição. Nosso frágil corpo é ameaçado por forças incontroláveis. (MARIGUELA, 2003, p.96)

Esta vida é trágica. Como realizar a travessia? A consciência da morte nos impõe a tarefa de criar as condições possíveis de vida. Nosso desejo de viver é guiado pela possibilidade de alcançar a felicidade. (MARIGUELA, 2003, p. 96)

Com tantos encontros e desencontros, encantos e desencantos caracterizando a nossa nítida necessidade de criar, dar forma à vida e a obras de arte, para vivermos, para sermos tristes e felizes, cabe-nos a tarefa ética da busca incessante das múltiplas formas da beleza, permitida pela nossa condição humana de liberdade de escolha. Do contrário, se nos acomodarmos, se nos contaminarmos pelas precárias condições que a nossa sociedade oferece, e não formos constantemente fortes, criativos, não viveremos o mundo em movimento; a vida perderá sua verdadeira essência: a busca pela felicidade. E aí só resta arrastarmos por ela... sermos determinados por uma promessa de felicidade que nunca chega... somos até mesmo escravizados por ela ou pela falta de nosso próprio ato criativo, talvez por ainda não termos aprendido a exercitar a liberdade criativa.

Brancatti e Gallo (2003, p. 63) nos sinalizam que:

Se o único meio de estar em contato com o mundo é ser do mundo, estar no mundo e viver o mundo, dizer que “vim ao mundo” e que tenho um corpo é a mesma coisa, pois meu meio de relações com o mundo é esse corpo que existe. Se eu fosse consciência pura, apenas espírito, não poderia me relacionar com o mundo e as coisas: vagaria feito alma penada.

Contudo, Brancatti e Gallo (2003) nos reafirmam que o homem é sujeito de sua existência, pois tem consciência dela. Assim, se angustia e pode se mobilizar por ser ele próprio o responsável pela sua condição de vida, ou seja, é responsável, conseqüentemente, por atos criativos ou não, mas que determinarão sentidos à sua existência e às suas obras.

Ora, o corpo é condição necessária para a existência desta consciência; segundo os autores citados, sem corpo não podemos ter consciência do mundo, nem de nós mesmos, já que ele manifesta nossa individualidade.

Assim, eles nos apresentam o corpo como um “[...] *ser de relações no mundo e com o mundo*” (BRANCATTI e GALLO, 2003, p.64).

Na verdade, o corpo, por meio da fala, não traduz um pensamento, ele é o próprio pensamento. Ele o exprime na exata medida em que o é. O corpo assegura a transformação das idéias em coisas e, se simboliza a existência é porque a realiza e é sua atualidade (BRANCATTI E GALLO, 2003, p.64).

Se o corpo é o próprio pensamento, portanto o corpo pensa. E sente, e faz coisas no mundo. Faz arte, inclusive. Somos corpos pensantes, se pensamos e sentimos, logo criamos e construímos com o corpo. Não temos apenas um corpo, somos um corpo.

O corpo se faz presente em todos os aspectos emocionais, afetivos, sociais e culturais, já que possui características individuais e, na relação com outros corpos, acaba se completando, adquirindo assim características coletivas. “O corpo, como corpo próprio ou vivido, é a maneira pela qual nos instalamos no mundo, ganhando e doando significados” (BRANCATTI e GALLO, 2003, p.66).

Brancatti e Gallo (2003) também nos apontam a contribuição de Merleau-Ponty como um dos filósofos deste século que, talvez, mais tenha contribuído para a compreensão do corpo como ponto de partida para o conhecimento, colocando a percepção como fonte de descoberta do corpo como experiência de propagação, causada na relação com as coisas e com os outros.

Segundo Brancatti e Gallo (2003, p. 66),

O pensamento de Merleau-Ponty é uma crítica à metafísica cartesiana e a toda filosofia que dividia o homem em corpo-espírito; busca uma unidade existencial do homem como um ser-no-mundo. À visão do mundo até então concebida, contrapôs uma visão somática, em que o homem é visto não só como razão, mas como sentimentos e emoções.

Na verdade, Merleau-Ponty (apud BRANCATTI; GALLO, 2003) nos esclarece que a razão, sentimentos e emoções, somados, constituem uma relação interligada entre: mundo do corpo e mundo do espírito, sujeito e objeto, natureza e cultura,

espaço e tempo, o real e o imaginário, num movimento constante; há hora de superação, há hora de negação da própria vida, da própria existência.

Pela sua própria relação corporal com o mundo, é preciso lembrar que o ser humano tem a tendência de se manifestar no mundo de maneira estética, guiado pelos desejos. Esta maneira estética é a infinita procura de estabelecer em sua vida uma relação de beleza com o que vê, com o que sente, com o que cria, enfim, com tudo o que o cerca.

Embora o ser humano aprenda e seja impregnado de sentidos na relação com os outros seres humanos, ele acaba se manifestando esteticamente no mundo de forma muito particular; pois acaba por exteriorizar suas próprias impressões a respeito dos fatos, do meio, da natureza e até mesmo de sua imaginação, assumindo posições a respeito do que pensa-sente, buscando sentidos à sua própria existência... criando.

A existência humana, o mundo e todas as manifestações da vida são, fundamentalmente, fenômenos artísticos.

Danelon e Cypriano (2003, p. 87), sabiamente nos afirmam esta questão: “A arte é o centro da vida, e é a partir dela que deciframos o mundo. É somente com os olhos da arte que o homem consegue apreender a sua essência, pois esta se manifesta sob a forma artística.”

O ser humano tende ao artístico, pois na verdade a arte é como a luz que nos faz enxergar a vida e o mundo esteticamente. Dessa forma, os autores sustentam que:

É a arte o fundamento do mundo, pois todas as coisas existentes possuem forma, cor, textura, peso, cheiro, e esses objetos são apreendidos pelos nossos sentidos e pela nossa razão. Ao construir algo – qualquer coisa –, o criador está dando livre vazão ao seu imaginário, tornando reais seus desejos, suas fantasias e seus sonhos (DANELON E CYPRIANO, 2003, p.86).

Considerando que a literatura, a música, o desenho, a pintura, a escultura, a dramatização são manifestações artísticas que engendram as coisas existentes no mundo, a arte é, portanto, de fato, fundamento do mundo. Quem não se encantou com uma obra de literatura, quem não se emocionou ao ouvir uma canção e, ainda pensando mais intensamente, quem não viu brotar dentro de si, sentimentos e

pensamentos que jamais pensou ser capaz de pensar e sentir, ao ser invadido por uma letra de música ou uma combinação de sons diferenciada, criativa? Quem nunca se pegou imaginando coisas novas ao vislumbrar uma bela paisagem ou ao despertar de um novo dia, ou ainda em algum momento de desespero? Diante desses sentimentos que permeiam a nossa vida, somos envolvidos pela arte, pela nossa capacidade criadora. Temos necessidade da arte a cada instante, assim como o artista tem necessidade corporal de fazer sua obra de arte. O que será que se passa com ele neste momento? Será que ele pretende com a obra despertar algo em alguém, ou em si mesmo?

Danelon e Cypriano (2003, p. 86) atentam para: “E é esse justamente o objetivo de toda obra de arte: despertar sentimentos, sensações, tornar presentes sonhos e desejos que tanto escondemos e reprimimos.”

Em contato com o mundo, com o meio, com os outros seres humanos, com as coisas, somos absorvidos pela vontade de exteriorizar esses sonhos e desejos, assim, criamos, e essas criações acabam mexendo com o outro e, se pensarmos com cuidado, mexe até com nosso próprio interior. As sensações despertadas são diversas: de contentamento e insatisfação, de prazer e dor, admiração e repulsa, de tristeza e alegria, de leveza e sufocamento; não importa o sentimento que desperta, pois acaba por nos mobilizar ao outro de alguma forma.

Se vivemos criando, se toda forma de expressão artística nos atravessa, contestamos, então, desta vez, a citação de Danelon e Cypriano (2003, p. 86), quando se referem ao olhar como o único, ou o mais importante sentido: “O olhar é o sentido artístico por excelência, pois é por ele que conhecemos as coisas e lemos o mundo”.

O olhar realmente possui o poder de despertar em nós surpreendentes sentimentos e pensamentos quando entramos em contato com o belo, com o novo, com o estranho, com o que não parece óbvio, com o que acaba por contestar nossas crenças e valores e, até mesmo, muitas vezes o faz desconstruindo nossos conceitos mais convictos. Mas, se somos corpos criadores, não temos o poder de fragmentar os sentidos. Criamos com todos os sentidos; há uma sintonia de sentimentos e pensamentos que nos transforma e nos surpreende criativamente. É como se houvesse um elo de ligação pré-estabelecido entre os sentidos que, aguçados, se unem para gerar uma nova vida, uma nova criação. O ato criativo

parece-nos como a deliciosa sensação de que encontramos a chave para desvendar a essência do mundo, a compreensão da realidade.

Por outro lado, sabemos perfeitamente quando algo está desconectado, e quando algum sentido não foi aguçado, pois, não há sintonia, “o castelo desmorona”: surge uma sensação de insatisfação, de falta de perspectiva, de falta de sentidos, é o vazio da existência.

Lendo o texto de Rollo May (1982), percebemos que os filósofos e os artistas procuram há séculos, através de seus estudos e reflexões, definir a constituição da arte, focando o encontro da realidade com as experiências de vida.

Segundo Rollo May (1982, p. 38), Platão, em o *Banquete*, descreve o que chama de artistas verdadeiros: “[...] os que criam uma nova realidade”. E, ainda segundo Platão (apud ROLLO MAY, 1982, p. 38), “[...] são eles que alargam as fronteiras da consciência humana. Sua criatividade é a manifestação básica de um homem realizando o seu eu no mundo”.

Trata-se do processo de fazer com o corpo e alma, juntos, com a criatividade e a responsabilidade de dar a vida, criar. Diz May (1982, p. 38): “Nada contribui mais para a alienação do senso de criatividade do que a idéia de que ela é algo para ser feito nos fins de semana”.

A arte toma o ser humano por inteiro. Não é algo para atenuar as tensões, para relaxar: “O processo criativo deve ser estudado [...] como a representação do mais alto grau de saúde emocional [...] no ato de atingir a própria realidade” (MAY, 1982, p. 39). E não o contrário; não podemos associar o processo criativo a problemas psicológicos, ou a pessoas que não se adaptam ao meio cultural em que vivem, ou ainda, encará-lo como tentativa de realizar algo para compensar alguma coisa.

Ora, percebemos que: “A criatividade está no trabalho do cientista, como no do artista; do pensador e do esteta; sem esquecer os capitães da tecnologia moderna [...]” (MAY, 1982, p.39). São encontros criativos.

Rollo May traz uma importante contribuição realizando uma análise da descrição do que acontece com os seres humanos no ato de criação.

Dessa forma, May (1982, p. 39, grifo do autor) enfatiza que:

O primeiro fator que notamos no ato criativo é a natureza de *encontro*. Os artistas encontram a paisagem que querem pintar – olham para ela; observam-na sob diversos ângulos. Ficam, como se diz, absorvidos nela. Ou, no caso do pintor abstracionista, o encontro é com uma idéia, uma visão interior, que pode ser inspirada pelas cores brilhantes da palheta ou pela brancura áspera da tela.

Remetemo-nos, neste momento, como uma maneira de ilustrar essas reflexões, a uma rica experiência. Essa experiência, ocorrida no ano de 2009, revela “o encontro” de duas crianças de cinco anos de idade, que frequentavam um centro educacional infantil municipal em Campinas, com a experiência artística. É aqui relatada por uma das professoras, uma das autoras deste trabalho.

Incrivelmente absorvidos pela ideia de construir o que a professora denominou “engenhoca”, Cris e Matheus (nomes fictícios), conversavam sobre a possível idéia de construir uma máquina de filtrar água que, no linguajar real e infantil, denominavam de “máquina de fazer mágica com a água”. Em meio à diversidade de materiais concretos que eram disponibilizados constantemente para aquela turma, as duas crianças observavam, através dos múltiplos sentidos, aqueles materiais. Aparentemente vislumbrados pela possibilidade da concretização da “engenhoca”, ao deslocarem os materiais e olhá-los sob diversos ângulos, realizando junções e sobreposições entre eles, enfim, com os materiais em mãos, se encorajaram a dar forma concreta à ideia.

A professora, observando todo o processo de criação da “engenhoca”, percebeu, e nos possibilitou essa percepção através de sua narrativa, que os elementos que mais inspiravam a dupla eram os vazados e bem coloridos. As crianças não pegavam, por exemplo, os rolos cinza, pegavam os com muitas cores. Segundo ela, isso a fez imaginar que esta escolha se dava pela percepção das crianças, de que a água, para ser limpa, deveria passar por dentro de alguns elementos que iriam ser acoplados à máquina.

Ao mesmo tempo, no espaço da sala onde acontecia essa construção, outros grupos de crianças estavam envolvidos com outras variadas experiências, e também pareciam empolgados com as vivências e acabavam fazendo muito barulho: falavam, cantavam, gritavam, corriam, transitavam o tempo todo pelo espaço em busca de novos elementos para suas experiências, e entre eles, uma ou outra criança parava e mostrava curiosidade em frente à “máquina”, perguntando o que

seria construído, feito com os materiais, e observava atento, pois seus olhos ficavam focados, que uma hora a construção tomava uma forma, e a menos de um “pisca de olhos” tomava outra. A dupla não chegava a consenso, cada um queria que prevalecesse sua ideia, que era defendida com tamanha convicção através de uma gama infinita de hipóteses como as transcritas das falas das crianças a seguir:

“- Se você colocar esse cano, nesta posição, a máquina vai parar, e pode até ficar com tanta água parada que é capaz até de explodir, porque a água tem força”.
(Chris)

Matheus, duvidando da afirmativa, questiona o porquê disso, e Chris imediatamente argumenta:

“- É claro Matheus, daqui a água só pode descer, como ela vai subir? Se ela começa a funcionar de cima tem que chegar lá embaixo, escorrendo, bem limpinha”.
(Chris)

E Matheus se contrapõe:

“- Você mesmo não tá dizendo que a água é forte? Se ela vier com aquela pressão, igual à mangueira dos bombeiros, ela sobe sim, depressinha...”

Neste momento, a curiosidade das outras crianças foi aguçada pelo tom de voz da dupla, pelas idéias, pela seriedade com que tratavam a discussão, pois essas crianças tentavam fazer parte da discussão da dupla, que, completamente absorvida pela criação, nem deram conta das tentativas de interferências.

Poderíamos descrever aqui maravilhosas hipóteses, conceitos, argumentações, mas este não é o nosso objetivo neste momento. Estamos querendo significar a importância do processo criativo e, conseqüentemente, do “encontro” das crianças com esse processo, neste momento do texto.

Ao final da construção da “engenhoca”, no momento de apresentação de todas as construções dos grupos, a dupla, enfim em “sintonia”, ao narrar o processo de funcionamento da máquina, atribuía a ela um som diferente para cada passagem da água pelos tubos coloridos, sons mais “finos” e sons mais “grossos”. Forma e sons se misturavam e a professora lamentava, no instante em que assistia a apresentação:

- Que pena que as construções tridimensionais, realizadas com plásticos e papéis, ainda não possam conjugar o som e a forma, dando, assim, não só o sentido, mas a concretização às múltiplas facetas do imaginário.

Após tudo isso, surgiu a ideia das crianças de criar um espaço de desenho para registrar a máquina, para alguns levarem para casa esse registro e construírem uma também. É interessante observar que a mesma necessidade de se atribuir sons aos movimentos da máquina tridimensional se evidenciava junto ao desenho no papel. Assim, conjugaram os sons e as formas, instigados pela criação em uma folha de papel em branco.

O envolvimento daquelas crianças e da professora na experiência, tanto daqueles que construíam como daqueles que observavam, escutavam, registravam, nos possibilita entender que, no momento da criação, o criador abandona o real e adentra no próprio universo de sua criação, hipnotizado e atento ao mesmo tempo, para criar. A dupla de crianças estava “dentro da máquina”, arrebatada pelo envolvimento no momento de criar.

Segundo Márcia Gobbi (2007, p. 124), Paul Valery

(...) ao escrever sobre o desenho, e em especial, observando a obra de Degas, afirmará que somente nossos olhos e nossos olhares, não são suficientes no comando da mão para que a mesma desenhe. Dirá ainda que muitas etapas intervêm e o traçado visual transforma-se em traçado manual.

Ao citar Gobbi referimo-nos às esculturas e não só ao desenho citado, já que este foi o foco do relato da experiência das duas crianças: o uso e as possibilidades do tridimensional.

Assim, é possível afirmar que o processo de criação não se reduz aos olhares e nem às mãos, mas sim à junção dos sentidos no corpo que cria. Ainda segundo Valery (apud GOBBI, 2007, p. 124): “O artista avança, recua, debruça-se, franze os olhos, comporta-se com todo o corpo como um acessório de seu olho, torna-se por inteiro órgão de mira, de pontaria, de regulagem, de focalização”.

No momento do ato criativo, a idéia surge e impõe respeito, vai se preenchendo, buscando novos elementos, se enriquecendo, se mobilizando, se estranhando, se transformando ao constituir-se, ao ganhar forma, ao ganhar vida.

O relato de experiência anteriormente citado, provoca-nos no sentido em que mostra a importância da junção de elementos quase que imperceptíveis separadamente, por nós, no momento da criação, mas que se tornam, através de uma simples brincadeira, elementos constitutivos do ato de criar, a imaginação, a

idéia, as narrativas, a inventividade, que mobilizadas a partir do convite de poder criar, se materializam a partir desta experiência.

Gobbi (2007, p. 126-127) sinaliza que:

A polissensorialidade – que vai além do encontro oral e escrito – é evocada provocando mergulhos a partir de experiências que materializam as idéias, as procuras, as hipóteses elaboradas discutidas ou não numa fusão que expressão processo criador muito mais do que a necessidade de um produto final, investigando o desconhecido ou, num exercício brilhante e não menos difícil, estranhando aquilo que há tempos já tem contato e com isso propõe uma nova síntese das experiências visuais do homem numa alquimia traduzida em desenhos: linhas, cores, manchas, traçados, tantas formas que vão se revelando.

A atenção aqui é ao processo criador, sem focar somente no produto final: é importante que possamos nos envolver, nos maravilhar, nos encantar com o processo e as construções a ele inerente. Para tanto é preciso de “tempo”, o tempo que o processo criativo demandar. O produto final é parte constitutiva deste estado de “êxtase”, em que o ser humano é envolvido ou emergido no momento da criação. “[...] êxtase é o termo exato para a intensidade de consciência que ocorre no ato criativo” (ROLLO MAY, 1982, p. 47).

Fazer parte do processo, conhecendo-o, envolvendo-se nele, permitindo-se observar e ser absorvido por esse processo, ter realmente o “encontro” criador intensificado pela dedicação e compromisso, é se envolver e se entregar de fato ao ato criativo, é o criar, que resulta num produto significativo para quem o constitui arte, merecendo, portanto, ser valorizado, mas não em detrimento do processo.

Se refletirmos mais a fundo, considerando o tempo no processo criativo, nos vem à mente as seguintes dúvidas: nos permitimos tempo para criar? Enquanto educadores e educadoras permitimos às crianças tempo para criar? Permitimos que meninas e meninos construam e socializem a sua criação, respeitando todos os sentidos que procuram atribuir a elas? O ato criativo resulta numa construção que “sai do âmago” e, portanto, torna-se significativo? Deixamo-nos influenciar pelas construções no sentido de apreciá-las somente enquanto cópia do real, ou o pensamento é livre e a criação respeitada? Enfim, dedicamo-nos realmente a alcançar “encontros”?

A importância do processo criativo está justamente no fato de nele ocorrer, em muitas vezes, a transformação dos sujeitos, tornando-os cada vez mais criativos,

ousados e, portanto, mais fortes, mesmo que o produto final não alcance o resultado almejado.

Sendo a arte um encontro vivo e vigoroso do artista com o seu mundo, e sendo perfeitamente possível transferir essa análise aos indivíduos culturalmente percebidos como não artistas, que em contato com o mundo também criam e recriam constantemente, a arte revela os sentidos de qualquer época, pois não conseguem se comunicar e criar fora dela.

O encontro da arte com o mundo, da arte com a vida, vem ao longo da história suscitando muitos questionamentos. Para o filósofo Nietzsche o “eu” é uma criação, uma invenção, uma obra de arte. (Loponte, 2007, p. 233).

O “eu” é portanto, a criação, a invenção de nós mesmos.

3 PINTANDO CENÁRIOS, ELO ENTRE CORPOS, REINVENÇÃO DA PRÓPRIA VIDA

VAI JÁ PRA DENTRO, MENINO! (Pedro Bandeira)

Vai já pra dentro, menino!
Vai já pra dentro estudar!
É sempre essa lengalenga
quando o que eu quero é brincar...

Eu sei que aprendo nos livros,
eu sei que aprendo no estudo,
mas o mundo é variado
e eu preciso saber tudo!

Há tanto pra conhecer,
há tanto pra explorar!
Basta os olhos abrir,
e com o ouvido escutar.

Aprende-se o tempo todo,
dentro, fora, pelo avesso,
começando pelo fim,
terminando no começo!

Se eu me fecho lá em casa,
numa tarde de calor,
como eu vou ver uma abelha
a catar pólen na flor?

Como eu vou saber da chuva,
se eu nunca me molhar?
Como eu vou sentir o sol,
se eu nunca me queimar?

Como eu vou saber da terra,
se eu nunca me sujar?
Como eu vou saber das gentes,
sem aprender a gostar?

Quero ver com os meus olhos,
quero a vida até o fundo,
quero ter barro nos pés,
eu quero aprender o mundo!

O corpo que sente, que pensa, que fala, cria e ao adentrar no universo da arte revela as contradições humanas ao nos contrapor às nossas próprias concepções culturalmente construídas. No momento em que nos colocamos diante de uma nova situação, uma nova realidade, percebemos que não só o biológico, mas as diversas experiências culturais vividas habitam este corpo, mostrando suas marcas, sua singularidade, desenhando sua história, convidando-o a ousar, a ultrapassar cada vez mais os seus limites.

Quando chegamos ao mundo, há um universo que nos espera... Espaços, tempo, pessoas, ambientes, climas, objetos, uma infinidade de situações, de relações, de experiências de vida: o novo nos espera! É hora de saltar do útero materno para uma luta travada pela vida... Mas o que de fato é tão esperado? Sim... o corpo é esperado, em minutos observado, em segundos apreciado, visto, enxergado e são as características deste corpo que nos dará condições de sermos identificados... É homem ou mulher? E como isso importa...

“Chegamos nus ao mundo, mas logo somos adornados não apenas com roupas, mas com a roupagem metafórica dos códigos morais dos tabus, das proibições [...]” (PORTER, 1992, p. 325)

Nossa corporeidade nos constitui... o meio junto a essa corporeidade nos compõe e, de fato, nos transforma.

Ao escrever suas histórias, os corpos vêm procurando através da arte se manifestar de diversas formas e descobriram que captando elementos da realidade e imaginando outras possibilidades nas relações com eles, podem criar, re-significando o mundo e construindo suas “obras de arte”. Chamamos aqui “obras de arte” as infinitas descobertas e caminhos que esses corpos sabiamente constroem para viver.

“Eu disse que não éramos tronco, nem pedras – está muito bem. Deveria ter acrescentado que também não somos anjos, gostaria que fôssemos, Mas homens revestidos de corpos e governados por nossas imaginações”. (LAURENCE STERNE, TRISTRAM SHANDY apud PORTER, 1992, p. 291)

A imersão destes corpos na arte é importante para que os mesmos transformem e tornem as suas vivências significativas.

Por outro lado, é necessário que se preste atenção aos códigos ou às mensagens manifestadas pelos corpos, visto que, apesar de estudos comprovarem que a arte nos revela que são os corpos que fazem arte, se manifestando através de

suas múltiplas linguagens, ainda hoje percebemos a fragmentação desses corpos, separando cabeça e mente, quando já se tornou evidente que, ao mesmo tempo, o corpo pensa, sente, age.

Esta reflexão propõe maior visibilidade ao corpo, enfatizando os aspectos culturais que o constituem. Ao mesmo tempo em que somos recheados e movidos pelas nossas culturas e também pelas outras, que conhecemos e vivenciamos, somos controlados por valores, pré-conceitos e normas impostas pela sociedade...

E, em muitos momentos, nossos corpos são despercebidos, ignorados talvez.

Roy Porter (1992, p. 326), também faz menção a este ponto tão importante

[...] produzir uma recordação de como o corpo é uma presença suprimida – muito freqüentemente ignorada ou esquecida – em muitos outros ramos, mais prestigiosos, do saber. Uma consciência mais alerta de sua existência minaria as pretensões idealistas duradouras, endossadas por aqueles a quem Nietzsche caracterizava como os ‘Desprezadores do corpo’, e ajudaria a sua ressurreição.

É na esfera da escola pública infantil, que nós, autoras desta pesquisa, procuramos discutir e direcionar as produções culturais desses corpos, imersos na arte, trazendo algumas considerações teóricas sobre criança e infância.

Segundo Dahlberg, Moss e Pence (2003, p. 71),

A criança pequena emerge como co-construtor, desde o início da vida, do conhecimento, da cultura, da sua própria identidade. Em vez de um objeto que pode ser reduzido a categorias separadas e mensuráveis (por exemplo, desenvolvimento social, desenvolvimento cognitivo, desenvolvimento motor, etc.), por meio do isolamento de processos, os quais são complexos e inter-relacionados, a criança pequena é entendida como um sujeito único, complexo e individual. Tal construção produz uma criança que, nas palavras de Malaguzzi, é “rica em potencial, forte, poderosa, competente”.

E, ainda ousamos dizer - criativa!

Toda criança pode ter “voz” própria, porém, nem toda criança tem o direito e a liberdade de se expressar, seja diretamente por meio da própria voz, seja por meio de qualquer outro tipo de manifestação de pensamentos e sentimentos. Já pararam para pensar, quantas crianças conseguem manifestar sua indignação ao serem repreendidas, corrigidas ou até mesmo “castigadas” por um adulto, seja ele educador ou não? Já pararam para pensar quantas crianças participam das histórias ou das peças teatrais, não “ditas” interativas, no momento em que sentem

necessidade de expressar medo, alegria, alguma hipótese, dor, descontentamento, ansiedade e não podem? Já pararam para pensar quantas festas são planejadas, levando em consideração os desejos e sugestões das crianças em relação aos tipos de brincadeiras ou tipos de comidas que serão servidas? Já pararam para pensar quantos espaços educativos são organizados pelas ou com as crianças? E até mesmo, como poderia ocorrer a utilização destes espaços? Não precisamos nos esforçar muito... Já paramos para pensar quantas vezes as crianças são obrigadas a comer, beber, fazer suas necessidades ou dormir sem vontade?

Pois é! Será que as crianças realmente estão tendo voz? Será que estão sendo ouvidas?

E as crianças “mudas e telepáticas”, referenciadas por Vinícius de Moraes (apud Faria, 2007), mencionadas aqui de forma metafórica, no sentido de representar aquelas que através de seu silêncio tanto nos dizem, como estão se expressando? São observadas, consideradas, incluídas e respeitadas? Por que será que silenciam? *Dizem-lhe: [...] de escutar e de não falar [...]* (MALAGUZZI, Anexo A) Será que foram sufocadas por tantas formas de condutas impostas pelos adultos, que acabaram esquecendo seus próprios pensamentos?

Faria (2007, p. 125) nos faz pensar quando diz: *Desejaria [...] que a gente pudesse estar pensando na criança, dando voz para ela, [...] se alfabetizando, preparando-se para conseguir vê-la, entendê-la.*

É necessário, pois, perceber os sinais, decifrar os códigos e as mensagens que as crianças expressam, até mesmo descobrir suas próprias linguagens, pois cada criança tem as suas. [...] *A criança tem cem linguagens (e depois cem cem cem)* (MALAGUZZI, Anexo A)

Levá-las a sério, ouvi-las, senti-las de fato, nos envolvermos com suas ideias, suas hipóteses e encorajá-las na tomada de decisões, é o início da construção de uma relação significativa, prazerosa e que favorecerá, portanto, a construção de conhecimentos.

Vistos sob este ângulo, os relacionamentos entre as crianças e os adultos, anteriormente tão distantes, por conta das diferentes concepções que vêm constituindo os sujeitos ao longo da história, passam a adquirir um caráter de valorização e respeito, tornando-os mais sólidos, consistentes, no sentido de se tornarem cada vez mais duradouros, mais próximos de uma infância que não só respeita, mas que garante os direitos das crianças e, conseqüentemente, os deveres

dos adultos, minimizando aos poucos e, quem sabe um dia, excluindo de vez os exercícios de poder que perpassam, dificultam e destroem as interações entre os sujeitos.

Diante da fundamental importância dessas relações na vida dos seres humanos, em específico neste momento, das crianças, com o meio, com os adultos e com as outras crianças, é necessário conceber a infância como construção social, realizada com e pelas crianças, pensando-as como seres sociais que possuem um relacionamento ativo com esta sociedade, pois como dizem Dahlberg, Moss e Pencer, (2003, p. 72) a criança

(...) não é um inocente, separado do mundo, a ser abrigado em alguma representação nostálgica do passado reproduzido por adultos. Ao contrário disso, a criança pequena está no mundo como ele é hoje, incorpora esse mundo, é influenciada por ele – mas também o influencia e constrói significados a partir dele.

Kramer (2000, p. 33), nos mostra que hoje as concepções de infância e de educação infantil possuem grande relevância, trazendo reflexões críticas sobre essas questões, que podem contribuir para o trabalho educacional realizado nas várias instituições infantis:

(...) há que se forjar uma concepção que reconhece a especificidade da infância – manifesta no seu poder de imaginação, fantasia, criação – e que entende as crianças enquanto pessoas que produzem cultura, além de serem nela produzidas, que possuem um olhar crítico e maroto que vira do avesso a ordem das coisas, subvertendo essa ordem. Esse campo – delineado na fronteira onde se cruzam filosofia, psicanálise e estudos da linguagem – nos ensina não só a compreender as crianças, mas também a ver o mundo a partir do ponto de vista da criança. Vale dizer que este campo tem provocado transformações cruciais no estudo da infância e vem ajudando a construir um outro olhar com que se pode ver as crianças na sua contraditoriedade, sutileza, perspicácia.

A preocupação, na maioria das vezes, não era diretamente com a infância em si, percebendo a criança como ela é hoje, mas sim com o adulto que ela poderia vir a ser. As crianças trazem em suas vivências diversas expressões, linguagens e simbolismos que lhes determinam as diferentes individualidades no mundo e sua condição social.

Dialogando com essas considerações teóricas, adentramos na compreensão da criança como um sujeito social, que constrói e reconstrói cultura nas suas relações com o seu meio e com outros indivíduos, como sujeito essencial e particular no seu processo de construção histórica.

Prado (1999, p. 114) complementa este pensamento quando explicita que

[...], o horizonte cultural humano é o espaço compartilhado de onde e por onde emerge a socialização, entendida nas diferentes formas de transmissão de conhecimentos, habilidades, aspirações sociais, heranças culturais e que envolve a apropriação de valores, técnicas, tradições e ideologias. Aquilo que é transmitido pelos homens é também criado por eles no conjunto das relações.

Pensar na infância e na criança pequena significa compreender que há diferentes maneiras de ser criança e que há diferentes infâncias, considerando que cada ser humano vem com sua própria “bagagem” cultural e, portanto, apresenta necessidades específicas, tendo direito a oportunidades únicas, a espaços organizados e adequados às suas especificidades. A professora Dra. Patrícia Prado, muitas vezes nos fez refletir, nos encontros do Curso de Especialização, sobre a banalização do “ser criança, estar criança”, exemplificando com falas comumente difundidas: “Isso é coisa de criança!” ou “Criança é assim mesmo!”.

Nesse sentido, Prado (1999) nos instiga a refletir sobre a forma como a sociedade capitalista vem nos tratando, os conflitos que vem promovendo, as marcas que vem deixando em nossas histórias, as cicatrizes que vem produzindo em nossos corpos. Afirma Prado (1999, p.114):

Atualmente, na forma como se configuram as sociedades capitalistas, experimentamos um tipo de violência social que, ainda tão perversa, continua estabelecendo relações sociais desiguais, com dissociações profundas entre o coletivo e o individual, o subjetivo e o objetivo, o qualitativo e o quantitativo, entre a atenção e o controle das crianças pequenas.

Apesar dos avanços, há ainda, portanto, a necessidade de uma mudança mais efetiva de postura, a fim de conhecer melhor a criança pequena. Para isso é preciso observar, perceber e conviver com suas maneiras de ver e vivenciar o mundo, mesmo que muitas vezes não corresponda à ideia que o adulto faz dela.

Sem a interferência autoritária do adulto, a criança pode falar por si, transformar o que a incomoda, criticar ou questionar o que está posto.

Dizer que a criança “vira pelo avesso a ordem das coisas” é compreender que ela tem sua própria lógica.

As crianças vivenciam seu cotidiano produzindo cultura e através de sua corporeidade refletem seu pensamento.

As relações do corpo e suas vivências com a arte, bem como com outras linguagens, constituem a cultura infantil, nos colocando cada vez mais próximos das ideias, dos desejos e das criações das crianças pequenas.

Na experiência descrita no capítulo 1, que relata uma construção tridimensional realizada por crianças pequenas, elas mostram-se capazes de construir “engenhocas”, elaborando seus pensamentos, experimentando possibilidades variadas, criando com os mais diversos materiais, evidenciando as suas capacidades de dar vida (e corpo) às suas imaginações.

Vygotsky (1991) nos diz que:

Ao desenhar conceitos complexos ou abstratos, as crianças comportam-se da mesma maneira. Elas não desenham, elas indicam, e o lápis meramente fixa o gesto indicativo. (p. 142-143)

Desse ponto de vista, portanto, o brinquedo simbólico das crianças pode ser entendido como um sistema muito complexo de “fala” através de gestos que comunicam e indicam os significados dos objetos usados para brincar. É somente na base desses gestos indicativos que esses objetos adquirem, gradualmente, seu significado - assim como o desenho que, de início apoiado por gestos, transforma-se num signo independente. (p. 143-144)

Segundo Vygotsky (1991), esses objetos geram uma estrutura gestual para as crianças, que estabelecem com os mesmos, relações simbólicas e significados próprios da brincadeira e das possibilidades de gestos que elas descobrem a cada movimento, permitindo um envolvimento pleno com os objetos e que vão além de suas meras propriedades físicas. Essa é a capacidade de criar das crianças. Mais uma vez fazemos referência à autenticidade da lógica infantil. A consciência do valor do corpo na construção da cultura da infância pode ser percebida nas manifestações artísticas da criança pequena e no seu envolvimento gestual com a cultura e sua capacidade de criar sobre ela.

As crianças pequenas em suas relações de corporeidade e interação permanente com a realidade, não apenas reproduzem a cultura do adulto, mas transformam-na em uma rede de significados próprios, no tempo e no espaço, o que acaba por constituir a própria cultura da infância.

No âmbito das escolas infantis públicas e de acordo com a reflexão sobre a relação do corpo com a arte, que resultou na criação cultural das crianças, Prado (1999, p.114), na observação de crianças numa creche pública da cidade de Campinas, contribui com esta reflexão, nos afirmando que:

As crianças apropriavam-se dos espaços da creche, dos objetos e dos brinquedos de formas diversificadas, nem sempre dentro do que era esperado pelos adultos – o que mostrava que elas não estavam submetidas somente a este referencial, mas inovavam a partir dele. Desse modo, por intermédio da mediação com o outro, que ensina, aprende e faz junto, as crianças constroem seu mundo de cultura, um sistema de comunicação e uma rede de significados e, portanto, expressões culturais específicas.

Essas experiências demonstram e reforçam ainda mais a importância dos centros educacionais infantis, para as interações, para o contato com experiências significativas pensadas especialmente para/com elas, a fim de contribuir com suas criações e contato com a arte. Não queremos dizer aqui, que as experiências com a arte devem se dar somente nos espaços dos centros infantis, mas sim que, nesses espaços essas experiências sejam garantidas.

Kramer (2000, p. 39), reforça e embasa esta concepção trazendo algumas considerações a seguir:

Isto requer que sejam organizados espaços reais onde esta criação possa se realizar. Que elas possam mexer, desconstruir, ter seus cantos para fazer suas coleções, suas “gavetas”, caixas, prateleiras, em que objetos de seu gosto e prazer, figurinhas, caixinhas, pedaços de pau, recortes de revistas, sacos, chapinhas possam ser reunidos sem o olhar e a arrumação lógica do adulto.(...) Quero apenas sugerir que para promover a ação cultural das crianças – elas possam dispor de cantos seus, de objetos em que sua intervenção possa se dar fora do ângulo de visão do controle dos adultos. (...) Que possam efetivamente ser caçadoras, rastreadoras, colecionadoras, descobridoras.

Pensar a criança pequena significa pensar sobre suas manifestações, sua capacidade própria de se expressar de diferentes maneiras, com seu jeito próprio de ser criança e nas suas formas distintas de envolvimento com a cultura e capacidade

criativa. As crianças pequenas dão sentidos e significados aos movimentos, objetos, sons, pessoas e a si mesmas, por meio da expressão do que compreendem sobre o mundo à sua volta e sobre a cultura na qual estão inseridas.

Que maravilha seria se todos nós pudéssemos, desde que nascemos, nos dedicar ou, pelo menos, estar abertos ao brincar, ao experimentar, ao imaginar, ao possível e ao que parece impossível. Afinal, o imaginário infantil é algo imensurável para as possibilidades de ações criativas dos meninos e meninas.

Frequentemente, a criança pequena necessita captar elementos da realidade em que vive, articulando-os aos elementos guardados no baú dos tesouros da sua fantasia, unindo a realidade e a imaginação, processando o seu pensamento. Como é mágica sua capacidade de se afastar da verdade universal e ir além da subjetividade, sem nenhum compromisso de como será interpretada ou de traduzir alguma sabedoria, nem mesmo o compromisso de despertar em alguém algum sentimento ou alguma aprovação sobre aquilo que expressa. Essa é a perspicácia da criança pequena, que inverte a ordem das coisas e cria sua própria ordem...

Enquanto crianças, pequenas e livres, tudo é uma grande atividade prazerosa – brincar de faz-de-conta, brincar de inventar, brincar de cantar, brincar de pintar, brincar de viver... Há de se perceber nessas vivências todas as possibilidades artísticas. Para a infância, toda a vida está associada ao som, à imagem, às percepções, às sensibilidades, às linguagens... Será que temos consciência do potencial que uma criança pode desenvolver quando realiza produções artísticas? Será que nos damos conta do quanto ela se envolve com suas próprias produções? De sua entrega de corpo inteiro...

Podemos sintetizar todos os pensamentos acima, retomando que a criança pequena quando produz arte, produz sua própria cultura e a sua expressão é a sua própria maneira de ocupar seus tempos e espaços no cotidiano.

Trata-se das mais variadas modalidades da criação artística: podemos aprender muito com as crianças com o cinema, com a pintura, a fotografia, com a literatura. E podemos compreender as múltiplas facetas do universo infantil que se apresentam nestas distintas e interessantes produções culturais, de modo por vezes mais eloqüente que os textos acadêmicos e científicos logram conseguir. (Kramer, 2000, p. 33)

Se temos uma concepção de infância enraizada com sua própria cultura e com a permanente reconstrução da mesma, precisamos reafirmar nossas posições

sobre as produções artísticas das crianças como a mola propulsora dessa autenticidade da cultura infantil.

A criança se movimenta, exerce sua corporeidade, sua própria natureza infantil; e, produz condições reais de existir enquanto sujeito social e histórico, muitas vezes contraditórios ao pensamento do adulto. Com o olhar distinto para a criança pequena, inserida na sociedade enquanto sujeito sócio-histórico, adultos e crianças podem estabelecer processos de aprendizagens mútuas.

Há percepção de que para a vazão do universo infantil, em princípios pedagógicos, muito pouco se tem feito em favor das produções artísticas e liberdade de criação da criança pequena. Os tesouros da sua fantasia rica e viva que a habitam, ficam privados da possibilidade de expressão, da exteriorização espontânea e, algumas vezes, vê-se reprimido na criança todo seu desejo espontâneo de expressar seu mundo íntimo pelo olhar, pela linguagem, pelo lápis, pela cor, pela construção, pela imagem, pelo som, pelo movimento do corpo...

Angustia-nos perceber que a capacidade de criação, de expressão e até mesmo a percepção infantil pode ser fortemente destruída quando se reprime na criança toda sua espontaneidade e corporeidade. Quando a criança pequena deixa de ser o sujeito de sua vida e de reproduzir aquilo que lhe é familiar, prazeroso, seus desejos em seu íntimo, ela passa a representar um sistema de valores que sustentam a vida humana adulta e que normalmente são apresentados como válidos para todos os seres, sem distinção de idade, raça, cor, gênero e credo. Para ir ao encontro da criança pequena, da sua autenticidade, faz-se essencial um contexto de circunstâncias especialmente favoráveis, que permitam a possível libertação dos efeitos de uma educação defeituosa, podendo esta criança pequena enveredar-se pelo caminho da arte... No caminho de suas próprias vivências...

Pelo envolvimento da criança com seu próprio universo de produções artísticas é possível perceber a construção de um caminho que traz encantamentos a ela própria e, ao mesmo tempo, a quem tem o privilégio de ter contato com o seu processo de criação. As crianças, através das suas produções, possibilitam o dar forma à vida, que nada mais é do que criar um estilo, uma cultura autêntica. Gallo (2003, p. 96-97) sinaliza que,

Trata-se de encarar a vida como uma matéria-prima na qual vamos imprimindo as formas, esculpindo os contornos, tal como o escultor

Michelangelo em sua pedra de mármore. A vida é nosso mármore, devemos esculpi-lo, criar um estilo, uma forma de viver, um jeito de ser feliz e, assim, afirmar a beleza. Dar forma à vida é a tarefa ética que nos compete como seres humanos. Nisso exercemos nossa condição de liberdade. Somos livres para fazer de nossas vidas uma obra de arte. Instaurar a beleza com todas as suas múltiplas formas.

A possibilidade de envolvimento com as artes liberta e cria novos significados para os significados infantis. Ao transformar a cultura do adulto, a criança pequena transforma o que percebe da realidade em múltiplos outros sentidos. Sua percepção mais ingênua de mundo passa a ser tão íntima, que ela se sente totalmente livre para expressar-se pelo viés da arte. Ela é um todo de corpo e alma, de razão e emoção, de pensamento e imaginário e que traz para a vida seus desejos e expressões mais autênticas.

Quando estimulamos os poderes de observação minuciosa e independente da criança pequena, quando a encorajamos a encontrar para que (encontre) seu próprio caminho de percepções e expressões, para que revele e deslumbre seu mundo infantil, seu próprio viver, ela constitui sua própria cultura e experimenta a sua condição de direito de libertar-se para vida na sua plenitude.

Não queremos dizer com isso que a criança viverá eternamente numa ilusão de que a vida não é o que deveria ser.

BLANCO

Me vejo no que vejo
Como entrar por meus olhos
Em um olho mais límpido

Me olha o que eu olho
É minha criação
Isto que vejo

Perceber é conceber
Águas de pensamentos
Sou a criatura do que vejo.

(Octavio Paz apud Gallo, 2003, p. 101)

Octávio Paz nos mostra que o que adentra aos olhos, nada mais é do que as percepções que temos de nós mesmos, um olhar singular, um olhar que traz as

marcas da cultura construída e transformada e dos elementos engendrados por ela, que fazem surgir novos significados e novas possibilidades de criar a vida.

Através das vivências infantis e sendo estas permanentes produções do criar, do imaginar, do fruir pensamentos, sensações, ficamos cientes daquilo em que consiste o mundo íntimo da criança pequena e, que de alguma forma, serão sempre renovadas as descobertas, coisas que jamais iremos ver de novo, mas que certamente comovem a sensibilidade e o intelecto na compreensão do universo infantil.

E, a criança pequena ao revelar assim, livremente, suas impressões estéticas e emotivas, irá enriquecer nossas próprias percepções pessoais dos ambientes em que ela vive, sua percepção individual da natureza, a criação de sua própria técnica através dos elementos que juntos harmonizam suas criações. Assim, o caminho da arte nos possibilita um novo olhar sobre o que nos parecia tão comum, tão imutável: a concepção da criança pequena.

Se temos consciência disso, como podemos decidir e até certo ponto tirar das crianças pequenas a liberdade do ato criativo, fundamental para a transformação e apropriação de sua própria vida, para a construção de seu próprio conhecimento?

Será que estamos oportunizando às crianças condições para que elas possam ver, perceber, escutar, pensar, sentir, criar? Será que não estamos tirando delas seu estilo próprio de viver de acordo com sua própria autoria?

E agora, professoras?

É neste momento que a arte entra em “cena”. A arte nos ensina a perceber e nos fortalece, sugerindo elementos que facilitam não só a liberdade de construção de conhecimentos pelas crianças, mas sim o encantamento e o envolvimento das mesmas pelo processo que vivenciam, pelo encontro com suas produções artísticas, com suas obras de arte.

Assim posto, Leite e Ostetto (2004, p.12) consideram que

Ao falarmos de arte, [...] falamos da inteireza de ser educador e acrescentamos, aos pólos competência e compromisso, o pólo sensibilidade – que abre caminho para o encantamento e o maravilhamento, ingredientes essenciais para a recriação do cotidiano pessoal e profissional, rompendo com a fôrma, ousando outros desenhos para o dia-a-dia. Novas paisagens...

Assim, passamos a estranhar o óbvio e a conviver com o estranho. A satisfação em termos nas mãos o privilégio de estar em contato com as várias manifestações artísticas das crianças nos oportunizam estranhar aquilo que nos parece lógico... Daquilo que pensamos já conhecer muito bem...

4 CONTANDO PONTOS, TECENDO HISTÓRIAS: ENCONTROS E DESENCONTROS COM A ARTE

O desafio de investigar a arte enquanto elemento constitutivo do próprio ser humano, arte conectada à realidade e à imaginação, arte conectada inteiramente ao corpo e à alma, ao pensar, ao sentir, ao agir, enfim, arte como essência da vida, foi movido por algumas inquietações que surgiram das experiências que nós, autoras desta pesquisa, vivenciamos e observamos com relação à arte durante nossa caminhada de professoras de crianças. Algumas considerações e concepções e, conseqüentemente ações a respeito da arte, que permeavam os espaços da educação infantil, muito divergiam das nossas maneiras de ver e entender a arte.

Embora sabendo que há muitos estudos e pesquisas a respeito da arte, mesmo assim nos propusemos a pesquisá-la e analisá-la no contexto da educação infantil. Nesta caminhada nos “encontramos” com vários autores que abordam o tema, dentre eles alguns com os quais compartilhamos os nossos ideais e dos quais nos valemos para nos fundamentar.

Trazemos as nossas reflexões e discussões para debater com algumas concepções de arte que engessam as possibilidades das crianças pequenas se tornarem autoras de suas próprias obras. Concepções que ignoram ou limitam a liberdade das crianças para exteriorizar suas experiências e não nos referimos apenas às suas produções artísticas, mas nos estendemos às suas experiências de vida construídas ao brincar, passear, cantar, enfim, interagindo com o mundo.

Se a arte for entendida e percebida como entretenimento, arte para a criança relaxar, para extravasar suas energias, como aplicação de técnicas, arte somente para ilustrar algum tipo de trabalho realizado, apenas como sentimento que flui e é exteriorizado, faz parecer que a arte não é para todos e que jamais será entendida em sua essência.

Mas, não pretendemos trazer aqui respostas prontas, mesmo porque nossa concepção de arte não cabe ser configurada como um “livro de receitas”, como um “guia passo a passo”; pelo contrário, pretende provocar diferentes sensações e reações, trazendo reflexões e questionamentos individuais e coletivos, onde se possa pensar em vivenciar com as crianças nos espaços da educação infantil, experiências significativas e relevantes com a arte.

Para promover a discussão, trazemos quatro relatos de experiências de professoras de Educação Infantil da Rede Municipal de Campinas, como subsídio para investigar e refletir a sua práxis, em especial para esta pesquisa as suas relações com a arte; perceber como elas pensam a arte, como a concebem, como a veem, enfim, suas concepções de arte e a relação que apresentam entre arte, processo de criação e corpo, o que nos oportuniza não só refletir sobre a formação dessas professoras no que diz respeito à arte, como também analisar como são pensados por elas os tempos e espaços que as crianças vivenciam nos centros de educação infantil, bem como a disponibilização de materiais e a sua manipulação pelas crianças. Reflexão que evoca a questão da produção cultural das crianças, a qual sem dúvida é um componente fundamental para se discutir a questão da arte.

RELATOS DE EXPERIÊNCIAS:

PROFESSORA 1

Sou professora de Educação Infantil há 19 anos, trabalhando na rede pública de ensino municipal das prefeituras de Hortolândia, Sumaré e Campinas. Atualmente só na prefeitura de Campinas há 10 anos.

Tornei-me educadora em 1988 após a formação em nível de magistério e depois me graduei em Letras (1991), Pedagogia (1994), Psicopedagogia (2006) e Mestrado em Educação(2009). Em 1991 ingressei como profissional concursada de Educação Infantil no município de Sumaré, em 1994 trabalhei no município de Hortolândia até 2000, a seguir ingressei na prefeitura de Campinas em 2000 e estou até o momento.

Entendo por Educação Infantil como sendo o primeiro nível de educação básica de ensino no Brasil, sendo que considero ser uma etapa importantíssima para auxiliar no desenvolvimento das estruturas cognitivas, afetivas, sociais e físicas das crianças junto às famílias.

Na Educação Infantil trabalho muito com as diversas linguagens, dentre elas as artes plásticas, sendo a arte uma forma de expressão, ou seja, uma linguagem que possa ser desenvolvida independente da escrita, porém com significado tão quanto importante, porque pode ser lido e interpretado como a linguagem verbal.

Tenho trabalhado arte de diversas formas, como representação interpretando um texto, ou seja, desenhando o que entendeu de uma poesia, de uma música, de uma história, de uma peça teatral, ou de um contexto vivenciado como os passeios, brincadeiras e através de várias técnicas de artes, como modelagem, pintura, colagem, desenhos com giz, canetinha, lápis de cor e uso de papéis diversos.

Neste trabalho com artes oportunizamos o processo criativo da criança que se manifesta através de uma linguagem, seja ela a dança, a mímica, o desenho, a escultura, a música (canto) entre outros. Este processo é singular, único, original, porque a criança ainda não está impregnada de padrões, regras e preconceitos impregnados na sociedade.

PROFESSORA 2

Sou professora de educação infantil na Prefeitura de Campinas desde o ano de 2000.

Minha primeira experiência na área de educação foi com uma 4ª série em uma escola estadual, foi difícil enfrentar uma sala pela primeira vez, com o agravante que muitas crianças estavam cursando a 4ª série pela segunda vez e não tinham muito interesse pela leitura.

Parti dessa dificuldade para começar, contei muitas histórias e tentei oportunizar vários tipos de leitura para despertar o interesse, como: gibis, letras de músicas conhecidas, poesias, livros infantis, revistas e jornais.

Foi uma experiência gratificante, mas ao mesmo tempo conflitante, pois percebi que o curso de magistério não contemplava aquela realidade com a qual me deparava.

No ano seguinte, quando já cursava Pedagogia, ingressei na Prefeitura de São Paulo, como professora de educação infantil, onde permaneci durante dez anos.

Durante esse período, fiz vários cursos, tínhamos um período para realização de estudos dentro de nossa carga horária, o que nos possibilitava uma constante formação e o privilégio de ter como secretário o educador Paulo Freire.

Devido a problemas particulares, precisei mudar de cidade e então ingressei na Prefeitura de Campinas, onde permaneço até o momento.

Gosto muito de trabalhar com educação infantil, gosto de estar com as crianças, de participar de suas descobertas e de conversar com elas. Elas têm uma lógica própria para explicar as coisas que acontecem a sua volta que me fascina! Elas me ensinam e me divertem muito!

Acho que a educação infantil é um momento único, onde a troca com o outro ocorre o tempo todo, os desafios se colocam não só para as crianças, mas para nós educadores, que a todo momento temos que nos recriar, de aprender de um jeito diferente para concretizar o que queremos ...

Um outro grande desafio é ter a sensibilidade de perceber o que desperta nas crianças o desejo, pois elas só têm interesse por aquilo que é realmente significativo, isso me parece o mais difícil na construção do planejar os movimentos do dia a dia.

Foi partindo desse pensamento que eu e uma outra professora da minha unidade, tentamos iniciar um trabalho com artes, utilizamos primeiramente o material que estavam na escola, alguns livros que contavam a história de vida de Tarsila do Amaral e algumas cópias xerografadas de suas obras.

Realizamos um pequeno resumo dessa história de vida, pois nossas crianças eram bem pequenas (3 e 4 anos), eles observavam suas obras e realizavam alguns desenhos e pinturas partindo delas. Foi interessante notar em seus desenhos, a ampliação do repertório, o sol que era sempre um pequeno círculo, já aparecia retratado de várias maneiras...

No ano seguinte, o nosso grupo de professores decidiu colocar artes como eixo norteador em nosso planejamento anual, após discutir e refletir, optamos por trabalhar inicialmente com dois pintores: Romero Brito e Gustavo Rosa.

A escola ganhou um movimento diferente, pela primeira vez, todos, cada qual a sua maneira, mas todos estavam envolvidos no desejo que nossas crianças tivessem um olhar mais sensível, criativo e interessado pelo mundo artístico.

Conseguimos painéis, onde as criações de nossas crianças fossem compartilhadas entre elas e também com as famílias. Percebemos que as crianças tinham suas próprias interpretações sobre a produção de arte.

As crianças observavam as obras de Romero Brito e Gustavo Rosa com muito interesse, gostavam do colorido dos desenhos e dos traços muitas vezes engraçados. Aproveitei esse interesse para propor algumas atividades partindo

dessas obras. Eles usavam muitas tintas, pincéis e o próprio corpo, desenhando e pintando com as mãos e dedos.

No final do ano realizaram a pintura em uma tela, a qual foi levada para casa com muita satisfação.

Aliado a esse trabalho, enfatizei também a música, pesquisei várias cantigas de roda, músicas com gestos e brincadeiras, procurando trabalhar o corpo de maneira natural até atingir o nível de sensibilidade, responsável pelo aprimoramento do trabalho com ritmo, som, silêncio...

Passei a utilizar a letra da música para desenvolver atividades artísticas, como: colagem, dobradura, pintura, desenho com diversos materiais e modelagem.

A poesia que também está presente na música, pois é um jogo entre o som e sentido, forma e conteúdo, realização e imaginação também estiveram bem presentes no dia a dia.

As crianças gostam de ouvir e percebem bem depressa a rima, é interessante perceber como a melodia e a sonorização das palavras encanta aos pequenos.

Todo o trabalho foi muito gratificante, tanto que decidimos continuar utilizando o mesmo eixo norteador no ano seguinte: artes. Só que percebemos que deveríamos ampliar o repertório de artistas trabalhados, aproveitando a aquisição de vários livros, os quais resolvemos lançar mão, além desses materiais, xerografamos e ampliamos várias obras. Entre elas: Monet, Tarsila do Amaral, Romero Brito, Gustavo Rosa, Joan Miró. Leonardo da Vinci, Paul Klee, Portinari, Maraubo e Volpi.

As salas foram decoradas com estas obras, que de tempos em tempos, mudam de uma sala para outra, oportunizando a todos apreciarem as criações artísticas.

Passei a utilizar os varais para expor todas as criações das crianças, valorizando cada uma de maneira especial.

As histórias de vida dos artistas são contadas resumidamente, não tenho com isso a intenção que as crianças saibam tudo da vida e das obras dos artistas, mas que se um dia ouvirem os nomes Monet, Picasso, Van Gogh, Tarsila entre outros, identifiquem que estão ligados à arte e à pessoas importantes para o mundo, pois marcaram época com suas produções artísticas.

Este ano minha turma é de crianças um pouco maiores, algumas de quatro anos, mas a maioria entre cinco e seis anos.

O grupo gosta muito de desenhar, durante o decorrer do ano, procurei possibilitar várias técnicas de pintura, interferências nos desenhos, como: colagem de durex, figura vazada, recortes de revistas, folhas de diferentes formatos e tamanhos, etc. As crianças no início não entendiam muito as interferências propostas, mas agora, alguns conseguem criar suas próprias interferências, recortando formas variadas e utilizando-as em seus desenhos.

A cada dia me surpreendo mais com as criações das crianças, principalmente quando envolvem recorte e colagem, conseguem elaborar uma montagem humorada da figura humana.

Percebo também, que desenvolveram a sensibilidade do olhar... Gostam de apreciar o que os colegas fizeram, vejo isso quando chegam e comentam as atividades realizadas pela turma do outro período que compartilha nossa sala.

Tenho procurado diversificar as formas de realizar os desenhos e pinturas, pois em nossa escola não dispomos de paredes que possam ser desenhadas ou espaços destinados à arte, então tentamos nos adaptar com caixas de papelão, a lousa e até o próprio chão para que as crianças possam desenhar em outros planos.

Sempre tento estimular as crianças a observarem as obras de arte e os desenhos dos colegas, incentivando-as a usarem a imaginação para pensarem nos sentimentos que moveram os artistas no momento da criação. Para tanto fui conversando com elas, a respeito de como as ideias e sonhos podem ser concretizados através da arte..

Procurei chamar a atenção para o modo como alguns pintores utilizam o pincel, quais os movimentos para proporcionar determinado efeito, o que querem transmitir com as cores e formas: sentimentos de alegria, paz, tristeza, saudade...

Muitos comentários a respeito desse olhar mais atento foram interessantes, pois facilmente fazem a ligação de obras que mostram cores vibrantes com o sentimento de alegria, quando entram em contato com obras que retratam paisagens, mencionam a ideia de paz. Essas colocações também ocorrem quando ilustram uma poesia ou uma música.

Com estas intervenções percebi que as criações ficaram cada vez mais elaboradas, e também que passaram a falar mais sobre seus desenhos, manifestando assim seus sentimentos, experiências e vivências. Para finalizar o ano as crianças pintaram uma tela num processo de criação livre e prazeroso.

Percebo que no decorrer desse trabalho, conseguimos crescer enquanto grupo, mas ainda precisamos continuar buscando, pesquisando e aprendendo novas formas para encantar nossas crianças...

PROFESSORA 3

Casada há 19 anos e construindo bons sentimentos, para que fiquem na eternidade melhores emoções. Sou mãe de um adolescente de 16 anos, tia de quatro sobrinhos: um de 24 anos, um de 18 anos, um de 17 anos e um 03 anos, e tia de uma sobrinha de 11 anos. Todos eles são especiais nas suas particularidades.

Tenho 43 anos, nasci em Campinas, tenho formação em Magistério e Pedagogia na PUCCAMP – Campinas e Pós Graduação em Educação Infantil e Psicopedagogia. Atualmente estou cursando Pós Graduação no Instituto de Estudos da Linguagem – UNICAMP: Língua e Práticas Discursivas no Ensino. Terminei o magistério em 1984 e desde então trabalho em Educação Infantil. Gosto de todas as idades, eles sempre acrescentam algo a nossa vida, seja pessoal e/ou profissional, mas tenho uma queda pelas crianças de zero a 6/7 anos.

Em 2009 faz 25 anos que trabalho como educadora. Já trabalhei em escolas particulares, estaduais e, atualmente, estou só na rede municipal e me dedicando a um novo projeto de vida, que está relacionado a livros infantis.

Nestes anos de trabalho fiz diversos cursos e estudos, ainda compartilhei conhecimentos e experiências de diversos cursos, oficinas e palestras ministradas a pais e profissionais da área da Educação e outras, com destaque em: “Todo dia é dia de Arte e Recreação”, em 1996; “Brincar de Aprender”, em 1996; “Brincadeiras e Jogos”, em 2001; “Confecção de Brinquedos e Jogos com Sucatas”, em 2001; “Importância do Brincar e limites”, em 2001; “2006 Elementary & Primary Education Conference”, duração 20 dias, em 2006 na África do Sul- Durban – A Criatividade na sala de aula – Psicomotricidade e a Criatividade no olhar psicopedagógico – Experiência profissional no Brasil; “Estimulando todos os sentidos de 0 a 5 anos”, palestra ministrada na Unicamp III Seminário “Fala outra Escola”, em Novembro de 2006; e “Estimulando todos os sentidos de 0 a 6 anos”, palestra ministrada no 16º Congresso de Leitura do Brasil, na UNICAMP, em 2007.

Tenho por princípio que ensinar e educar configura atender todas as crianças, sem qualquer diferença, é ir além do ler e escrever, é estimular todos os seus sentidos, para que eles tenham uma vida adulta com qualidade, equilíbrio e de forma produtiva. Acredito também na importância do vínculo afetivo entre pais e filhos e na parceria da família no processo educativo, no qual promovemos a aproximação entre alunos e pais no espaço escolar.

Ensinar e educar sempre são um desafio no qual me vejo comprometida com uma prática pedagógica centrada no estímulo e no vínculo afetivo com a criança, tornando os momentos das atividades prazerosos e significativos.

A Educação Infantil não pode apenas priorizar os cuidados básicos da saúde, alimentação, higiene e sono, nem ser um substituto da família, mas ampliar todos estes itens, porque a criança é rica em conhecimento, cultura, criatividade e está em constante desenvolvimento.

Nossa prática pedagógica, a princípio, dá ênfase à importância do estímulo à criança de zero a seis/sete anos, o que não nos permite desprezar sua história de vida, suas individualidades, suas dificuldades, nenhum estímulo, nenhuma fase que a criança tenha passado e passará, devendo ser respeitada e valorizada quanto ao seu crescimento e desenvolvimento que envolve o genético, o hereditário, o físico e os processos de aprendizagem vivenciados.

Não precisamos mudar a prática pedagógica, mas estar sempre dando novo significado aos nossos sentidos, pois educador e educando sempre estão ensinando e aprendendo. A aprendizagem é um processo sem fim, em que se enriquecem os conhecimentos e as informações, que levam as diferentes e diversas modificações de comportamento, que envolvem a inteligência, o corpo, a criatividade, o desejo e o emocional do ser humano. .

O trabalho integrado dos estímulos afetivos, físicos, cognitivos e sensoriais, e a interação de todos com o meio social é o que dará os instrumentos necessários à criança para a formação da sua personalidade e para a construção do conhecimento; quando estimulada, a criança é mais ativa; dinâmica; criativa; realiza melhor as atividades propostas; é mais segura; tem uma boa socialização; é autônoma e tem personalidade. A falta dos estímulos ou estímulos inadequados, nesta fase, pode trazer prejuízos e perda de experiências e oportunidades.

Não nos podemos esquecer de que a essência está na forma pela qual o estímulo é oferecido. Este deve vir sempre acompanhado com o brincar, com o

carinho, afeto e a cumplicidade. Não precisamos de recursos sofisticados para desenvolver a criança como um todo, mas devemos investir no desenvolvimento da inteligência, que a tornará, amanhã, uma pessoa capaz de solucionar problemas, ser criativa, confiante, segura e feliz.

Sabendo o quanto é importante uma estrutura familiar e educacional participativa, equilibrada e saudável nos primeiros anos da infância, e sua continuidade nas outras fases, proporcionando um ambiente estimulador a imaginação de modo lúdico e criativo, para desenvolver seus sentidos e habilidades, e quanto mais ela participar das experiências físicas, afetivas e sociais, maiores serão o enriquecimento e desenvolvimento de sua inteligência e personalidade.

PROCESSO CRIATIVO – Criatividade é “produção” e/ou expressão de algo novo, ou reinventar, ou solucionar problemas, ou curiosidade. Todos são criativos, podem se desenvolver e cada um será mais criativo em algumas habilidades e menos em outras. O processo criativo é expressar idéias, sentimentos e necessidades, é ter iniciativa, analisar, levantar hipóteses e críticas, adaptar-se, solucionar e inovar para estimular a criatividade.

ARTE - A Arte é rica em atividades e importante tanto quanto as outras disciplinas, pois todas possibilitam estimular a criatividade e se manifestar, aprender, imaginar, ressignificar seus “saberes”.

A Arte como as outras disciplinas são formas diferentes de linguagens existentes no cotidiano, que dão possibilidades à criança de conhecer e se relacionar no mundo, construindo e enriquecendo seus “saberes” de forma significativa.

Na Arte também podemos trabalhar os estímulos afetivos, físicos, cognitivos e sensoriais da criança, provocando ações como: criatividade, curiosidade, conhecimentos, cooperação, autonomia..., através das oportunidades, da interação, do lúdico, da rotina, da motivação, da responsabilidade, da referência, da história de vida e de outras possibilidades que podemos proporcionar a criança.

Não é só acompanhar a tecnologia e/ou solicitar recursos sofisticados para desenvolver a criança como um todo, mas devemos investir no desenvolvimento da inteligência, dar importância aos estímulos e à criatividade, para que a torne, amanhã, uma pessoa confiante, segura, criativa e feliz.

PROFESSORA 4

Escolher um pedacinho da gente para apresentar é como dar foco, iluminar uma parte, escolher um retalho de uma colcha para contar uma história. Uma história a partir de um ponto de vista, revelando parte de nossa memória.

Gosto destas palavras...memória, colcha de retalhos – de uma forma muito especial.

Sou filha de costureira, neta de costureira e sempre vivi em meio a retalhos, linhas, tesoura, agulhas, máquinas de costura...

A costura é algo que me encanta... que transforma, que de duas dimensões torna-se tridimensional... é uma atividade que em nossa sociedade é realizada predominantemente por mulheres...Será este o motivo pelo qual me tornei professora? Para continuar trabalhando entre mulheres?

Lembro-me de minha prima favorita, que era professora de língua portuguesa para adolescentes, a Marilene, narrando suas experiências de professora... A forma inusitada com que ela ensinava seus alunos me deixava com muita vontade de ser aluna dela, aliás, ela sempre foi um ser humano (e é até hoje) que escutava a voz das crianças com o mesmo valor que a dos adultos... Ela não achava que aquilo que falávamos era coisa de criança, ela nos levava a sério...

Em minha infância eu tinha alguns livros de artesanato, que eram da minha mãe que ensinavam a construir uma infinidade de coisas e eu sonhava muito com a possibilidade de poder construir aquelas coisas... Lembro de uma casinha de papelão que eu tinha fascinação, eu tinha ganhado uma pipoqueira e queria montar uma “vendinha de pipocas”... Lembro dos sonhos, da vontade de torná-los reais...

Meu pai tinha um caderno com alguns desenhos que ele mesmo tinha feito e minha mãe guardou os meus desenhos da educação infantil, os quais adorava folhear... Os desenhos que estavam muito lindos a professora colocava uma estrelinha brilhante, os conceitos seguintes eram, três estrelinhas, duas estrelinhas, uma estrelinha... Inventei então um novo conceito para que todas as minhas atividades ficassem com a melhor “nota” e sem rasuras: Três estrelinhas brilhantes!!!

Estas são algumas das coisas que de imediato posso lembrar e que me fizeram escolher esta profissão....

Tentei fugir desta profissão de todas as formas... meus professores do magistério me falavam que eu não tinha talento para ser professora, que eu tinha que ser outra coisa!!

Demorou para acreditar que eu realmente tinha e foi minha paixão pelos tempos da infância que me conquistaram e aqui estou contando um pedaço da minha já longa história de professora de crianças pequenininhas...

Sempre parece que comecei ontem... antes as pessoas falavam que eu era assim (não sei o que elas queriam dizer com este assim!!! Mas sei que é porque sou meio diferente) Porque estava começando... Hoje já não sei mais porque sou assim... faz quase dezessete anos que estou na educação infantil...

Como gosto muito dos tempos da infância, presto muita atenção ao que eles e elas gostam de fazer...acho que faço isso desde pequena, pois lembro de gostar de crianças mais novas do que eu desde muito nova.

Meus pais sempre contaram muitas histórias, sobre os filhos e filhas dos seus amigos, e eu sempre achei tudo isso muito interessante!

Muitas histórias eram sempre engraçadas porque a criança surpreendia o adulto! É isso! Adoro ser surpreendida, adoro surpresas... adoro movimento...adoro as diferentes infâncias e faço questão de me aproximar o máximo possível delas!!

Quanto à arte, não sou especialista nisso, sei muito pouco sobre arte erudita (se é que este termo existe), o que sei é que a pedagogia me deu muito poucas ferramentas para poder lidar com as cem linguagens das crianças, com quem trabalho e por isso busquei e busco muitas formas, formatos, maneiras, não sei que nome isto tem, sei que acredito na arte como fundamento de minha prática...

Dependendo daquilo que as crianças propõem, ou que eu leio que as crianças estão querendo fazer, vou em busca de repertório para criarmos juntos um sonho !

É isso! Acho que o que eu gosto de fazer com as crianças é tornar real o sonho que temos juntos...

Não é só uma criança e sim um montão (e que montão nesta prefeitura!), então precisamos escutar uns aos outros, olhar uns para os outros, sentir uns aos outros para construir uma convivência coletiva, assim como objetos, coisas, poesias, movimentos, sons, espetáculos, bem o que surgir desta convivência entre nós!

Quanto maior o repertório que temos, mais podemos proporcionar aos pequenos, e o espaço é o meu grande parceiro...

Aliás, desde pequena gosto de brincar com o espaço! Inventei inúmeras casinhas aconchegantes para minhas bonecas, com cada coisa!

E escolas, então? Lembro de uma amiga que inventou uma escola tão linda que eu até matriculei minhas bonecas lá!!!

Bem o espaço traz nossas marcas, as marcas de cada grupo de crianças, nós marcamos aos espaços com objetos de nossas culturas... Adoro os formatos que as salas vêm tomando em função de nossas invenções...

Neste ano a turma do jacaré, da qual faço parte, construiu não só uma floresta com árvores e silhuetas de animais, como também uma floresta sonora, e foram as crianças pequenininhas que inventaram muitos dos sons que fizeram parte da floresta sonora... Nosso espaço foi ganhando e perdendo árvores, lagos, peixes... As crianças pequenininhas rasgam com frequência aquilo que colocamos nas paredes! Mas conseguimos montar um lindo cenário que fez parte da exposição deste ano!

As coisas que estão presentes neste ambiente, não só as que construímos, mas o que usamos para construir as coisas são muito importantes para conseguirmos inventar! Criar! Materiais recicláveis, objetos da natureza, tintas, colas, sementes, isopor, papel machê, uma infinidade de materiais fazem parte do meu acervo...

Adoro fios, lãs, papéis, arames, pincéis, giz, lápis, carimbos, furadores, fitas, flores, parafusos, materiais de construção, de pesca, fantasias, tecidos, caixas, massas, receitas de massas, lanternas, velas, espátulas, rolos, estêcas, areia colorida, revistas e mais revistas, (sou louca por revistas de artesanato, de arquitetura...), tenho um acervo grande de coisas...

Para dar início à nossa investigação dos relatos das professoras, consideramos importante retomar a idéia de Cypriano e Danelon (2003, p. 86) ao dizerem: “*É a arte o fundamento do mundo [...]*”.

Pereira (1993 apud Corrêa, 2007, p. 134) integra esta ideia ao dizer que “*a arte é a expressão de um sentir particular, externado por diferentes linguagens, decorrentes do simples fato de estarmos vivos, percebermos e nos inquietarmos*”.

O fato de estarmos vivos, percebermos e nos inquietarmos, nos impulsiona a sermos seres criadores. Estar no mundo exige de nós a construção de relações, a

busca de significados para tudo que é novo. E, para isso, contamos com nossa capacidade de criação.

Ostrower (1987, p. 9) afirma:

Criar é, basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se, nesse 'novo', de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar.

Nessa busca de ordenações e de significados reside a profunda motivação humana de criar. Impelido, como ser consciente, a compreender a vida, o homem é impelido a formar.

Esta capacidade de criação perpassa pelo corpo que pensa, que cria, que constrói conhecimentos, transformando suas experiências vividas em novas experiências, adquirindo assim formas diferentes de conceber o mundo ou as coisas do mundo, de modo a trazer um novo significado à sua vivência.

Loponte (2007) diz que muitos artistas nos fazem pensar que a vida pode ser reinventada a todo instante. Então, sob essa égide nos questiona se na docência também há espaço para a invenção, para a criação: como nos inventamos como docentes?

Nos relatos de experiências, as professoras pesquisadas revelam aspectos sobre a sua formação acadêmica e primeiras experiências de docência.

Professora 1

Tornei-me educadora em 1988 após a formação em nível de segundo grau no curso magistério e depois me graduei em Letras (1991), Pedagogia (1994), Psicopedagogia (2006) e Mestrado em Educação (2009) (Relato, 2009).

Professora 2

Minha primeira experiência na área de educação foi com uma 4ª série em uma escola estadual, foi difícil enfrentar uma sala pela primeira vez, com o agravante que muitas crianças estavam cursando a 4ª série pela segunda vez e não tinham muito interesse pela leitura.

Foi uma experiência gratificante, mas ao mesmo tempo conflitante, pois percebi que o curso de magistério não contemplava aquela realidade com a qual me deparava.

No ano seguinte, quando já cursava Pedagogia, ingressei na Prefeitura de São Paulo, como professora de educação infantil, onde permaneci durante dez anos.

Durante esse período, fiz vários cursos, tínhamos um período para realização de estudos dentro de nossa carga horária, o que nos possibilitava uma constante formação e o privilégio de ter como secretário o educador Paulo Freire (Relato, 2009).

Professora 3

[...] tenho formação em Magistério e Pedagogia na PUCCAMP – Campinas e Pós Graduação em Educação Infantil e Psicopedagogia. Atualmente estou cursando Pós Graduação no Instituto de Estudos da Linguagem – UNICAMP: Língua e Práticas Discursivas no Ensino. Terminei o magistério em 1984 e desde então trabalho em Educação Infantil (Relato, 2009).

Nos relatos, as professoras apontam que iniciaram sua carreira com o curso de magistério, sendo que nessa época prevalecia a LDB nº 5.692/71. Pimenta (1994) identificou que após essa Lei, a Habilitação Magistério não ficou com uma identidade própria, tornando-se apenas uma habilitação a mais no 2º grau. Outra crítica feita é que esta habilitação apresentou-se vazia de conteúdo, não sendo capaz de contemplar nem uma formação geral adequada e tampouco uma formação pedagógica consistente. É o que podemos constatar no relato da professora 2, que explicita sua dificuldade ao ter que assumir uma sala pela primeira vez, destacando como falha a formação no curso de magistério.

Nascimento (2000, p.35) ao falar da formação do(a) professor(a) nos coloca que [...] *a formação do professor é a condição necessária para que ele possa ser inserido em uma instituição, instituição que, por sua vez, assegura a sua existência profissional.*

Mas, o professor não se torna totalmente qualificado devido apenas à escolarização obrigatória, mas também em função do que concretamente é capaz de fazer no cotidiano (Nascimento, 2000).

Mesmo com as dificuldades, as professoras pesquisadas, cada qual à sua maneira, foram construindo suas trajetórias. Nesse caminhar fizeram opção pela

educação infantil, pois também eram qualificadas para trabalhar com as séries iniciais do ensino fundamental.

As professoras aceitaram o desafio e foram buscando novos conhecimentos. Percebemos nos relatos uma vontade de estar aprendendo, de estar aprimorando o fazer pedagógico. Malaguzzi (1999) enfatiza que o papel do professor, o conhecimento, a profissão e a competência se tornam mais fortes ao ser aplicados diretamente.

Entretanto, não podemos deixar de pensar que esta questão da formação passa pelo advento de alguns dispositivos legais tais como a Constituição Federal de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (LDB) nº 9394/96, a partir dos quais a formação do profissional de educação infantil ganhou uma nova relevância segundo Kishimoto (1999).

Sendo assim, as professoras foram dando forma a si mesmas e, portanto, se constituindo como professoras de educação infantil.

E a arte? De que maneira foi se configurando na trajetória profissional e pessoal dessas professoras?

Segundo as professoras pesquisadas, a arte foi se tornando presente da seguinte maneira:

Professora 1

Na Educação Infantil trabalho muito com as diversas linguagens, dentre elas as artes plásticas, sendo a arte uma forma de expressão, ou seja, uma linguagem que possa ser desenvolvida independente da escrita, porém com significado tão quanto importante, porque pode ser lido e interpretado como a linguagem verbal (Relato, 2009).

Professora 3

A Arte é rica em atividades e importante tanto quanto as outras disciplinas, pois todas possibilitam estimular a criatividade e se manifestar, aprender, imaginar, ressignificar seus “saberes”. A Arte como as outras disciplinas são formas diferentes de linguagens existentes no cotidiano [...] (Relato, 2009).

Professora 4

Quanto à arte, não sou especialista nisso, sei muito pouco sobre arte erudita (se é que este termo existe), o que sei é que a pedagogia me deu muito poucas ferramentas para poder lidar com as cem linguagens das crianças, com quem trabalho e por isso busquei e busco muitas formas, formatos, maneiras, não sei que nome isto tem, sei que acredito na arte como fundamento de minha prática... (Relato, 2009)

A professora 3 ao afirmar que arte é uma disciplina, uma disciplina rica em atividades, traz implícita a ideia da arte sistematizada, escolarizada, uma ideia de que a arte deve ser ensinada.

Ainda considerando os relatos, as professoras 1 e 3 entendem a arte como uma linguagem.

Ao contrário, esta pesquisa traz a arte enquanto essência da vida, pois se olharmos à nossa volta estamos rodeados de formas, cores, cheiros, texturas, peso (Cypriano e Danelon, 2003), o que, portanto, nos permite falar dos sentidos, da própria construção de conhecimentos; desta forma percebemos o mundo.

Além do conhecimento, a arte traz a questão da sensibilidade, nos convidando ao ensaio de novos olhares através de suas diferentes formas de expressão, olhar esse que nos permite lidar com as polaridades: o gostoso e o desgostoso, o prazer e o desprazer, a satisfação e a frustração. Ou seja, a arte permite trazer à tona a luz da existência e as sombras do ser humano: Arte é totalidade (Leite e Ostetto, 2004).

Neste sentido, a tendência de conceber a arte como uma linguagem nos remete às palavras de Duarte Jr. (1994), que contraria tal visão. Segundo ele, a arte não pode ser uma linguagem, porque suas formas não podem ser consideradas símbolos como são as palavras. Se o sentido que se busca expressar através da arte pudesse ser dito, o faríamos através da linguagem.

O artista procura concretizar nas formas aquilo que é inefável, inexprimível pela linguagem conceitual (Duarte Jr., p. 45).

Já a professora 4 diz não saber muito sobre arte, mas aponta a sua busca por caminhos e alternativas que lhe possibilitem fazer da arte fundamento de sua prática.

Diante do exposto pelas professoras, citamos Ciasca (2007) que nos remete a pensar novamente na questão da formação. Segundo ela, não basta uma formação referendada só nas Ciências e nos conteúdos específicos, como tem apontado nossa trajetória de formação, que o mesmo peso tem que ser dado à arte.

Nesse sentido, Valverde (2007), a partir de uma experiência vivida na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, na implementação de uma Política de Educação Infantil que garantisse às crianças vivenciarem as múltiplas linguagens que compõem a nossa cultura, apontou alguns princípios construídos ao longo das ações de formação oferecidas às/ aos educadoras/ educadores, dentre os quais destacamos: que a arte deve fundamentar a formação dos/ das profissionais da primeira etapa da educação básica, pois o trabalho pedagógico desenvolvido com as crianças deve ter o lúdico e a arte como elementos essenciais.

Assim, durante essa vivência de Valverde na formação dos educadores da rede de educação infantil, a arte foi um dos temas que enriqueceram as discussões. A arte foi estudada sob a ótica da professora Ana Angélica Albano, que demonstra que a arte é essencial na vida das pessoas e, portanto, também na educação infantil.

Há, portanto, muito que se pensar sobre o trabalho pedagógico com a arte no contexto da educação infantil.

A criança é aqui entendida como sujeito histórico, que se constitui nas inter-relações com o outro e com o mundo, onde as diferentes formas de linguagem promovem a intermediação e o lúdico se destaca como uma forma privilegiada de compreensão e transformação da realidade (Valverde, 2007).

Assim, considerando as crianças em suas especificidades, considerando diferentes capacidades e necessidades, nos remetemos a pensar o papel da educação infantil e, conseqüentemente, o papel das professoras.

Neste momento nos valem de Malaguzzi (1999, p. 90) para nos respaldarmos: “*Quanto mais ampla for a gama de possibilidades que oferecemos às crianças, mais intensas serão suas motivações e mais ricas suas experiências.*”

A professora 4 compartilha desta idéia ao afirmar em seu relato:

Professora 4

“Adoro fios, lãs, papéis, arames, pincéis, giz, lápis, carimbos, furadores, fitas, flores, parafusos, materiais de construção, de

pesca, fantasias, tecidos, caixas, massas, receitas de massas, lanternas, velas, espátulas, rolos, estécas, areia colorida, revistas e mais revistas, (sou louca por revistas de artesanato, de arquitetura...), tenho um acervo grande de coisas..." (Relato, 2009)

E, em consonância com Malaguzzi, sinalizamos com Edwards (1999, p. 161) que diz: *O papel do professor centraliza-se na provocação de descobertas, através de uma espécie de facilitação alerta e inspirada e de estimulação do diálogo, de ação conjunta e da co-construção do conhecimento pela criança.*

O que nos remete às palavras da professora 4, que diz se mostrar atenta e aberta ao recado das crianças:

Professora 4

Dependendo daquilo que as crianças propõem, ou que eu leio que as crianças estão querendo fazer, vou em busca de repertório para criarmos juntos um sonho !
É isso! Acho que o que eu gosto de fazer com as crianças é tornar real o sonho que temos juntos... (Relato, 2009)

As palavras da professora ecoam nas palavras de Kramer (2000). A importância da significação e do entrosamento entre crianças e professora também não escapa à sua percepção. De acordo com Kramer (2000, p. 38) na educação infantil é primordial

[...] possibilitar o aprendizado e a construção de novos conhecimentos relativos ao mundo físico e social, sempre com a realização de atividades significativas, envolvendo adultos e crianças em experiências com as mais diversas instâncias da cultura e nos mais diferentes espaços de socialização.

Compreendemos assim, que as professoras podem e devem se colocar mais em posição de observação, não do produto final, mas do processo de construção de significados; deixar que as crianças em suas interações façam descobertas, troquem experiências, estabeleçam relações, pois são seres capazes. No entanto, não estamos em momento nenhum deslocando a importância das professoras para outro

plano, pois como já afirmamos cabe a elas promover a ampliação do universo das crianças.

Logo, trabalhar com a dimensão da arte no contexto da educação infantil implica ver e perceber as crianças como criadoras de cultura e como capazes de expressar estas produções das mais diversas maneiras. E, a construção de vínculos, das crianças com a professora, da professora com elas e das crianças entre si, é fundamental para percebermos isto.

Professora 4

Não é só uma criança e sim um montão (e que montão nesta prefeitura!), então precisamos escutar uns aos outros, olhar uns para os outros, sentir uns aos outros para construir uma convivência coletiva, assim como objetos, coisas, poesias, movimentos, sons, espetáculos, bem o que surgir desta convivência entre nós! (Relato, 2009)

Dahlberg, Moss e Pence (2003) nos advertem que há muitas crianças e muitas infâncias. O conhecimento científico nos “diz” o que é infância e o que as crianças são e devem ser. Mas, na prática, alguns conceitos podem tornar-se abstratos e problemáticos. Assim, estes autores nos chamam a atenção para as escolhas que fazemos, pois elas adquirem uma importância enorme para determinar o que iremos proporcionar e realizar em nosso trabalho pedagógico.

E, mais uma vez trazemos Kramer (2000, p. 37) que ressalta que: “[...] a função pedagógica não pode ser identificada à instrução, à formação de hábitos e atitudes ou ao adestramento de habilidades específicas. Ao contrário, ela precisa ser vista na sua dimensão cultural.”

Logo, é preciso continuar ampliando a reflexão sobre a criança que temos em mãos e compreender as suas formas de se expressar, pois a arte é sempre a criação de uma forma.

Rosa Batista apud Rosa e Lopes (2008, p. 61) diz que

[...] as crianças se manifestam nas (...) experiências, descobertas, exploração dos sentidos, dos significados, das cores, da água, do ar, da terra, do fogo; dos desejos de tocar, mexer, desmanchar o que já estava feito, de fazer e refazer muitas e muitas vezes uma mesma coisa; de significar e ressignificar o mundo à sua moda; de correr, pular, contar e recontar o mesmo conto; de ler, escrever, cantar, dançar e pintar ao mesmo

tempo; de chorar e rir num curto espaço de tempo; de viver diferentes papéis: de mãe, pai, filho, avô, avó, médico; de criar e recriar o mundo de fantasia e imaginação; de pintar a realidade, desenhar o mundo, desejar, brincar de faz-de-conta, transformar uma caixa de papelão num tesouro, uma árvore numa floresta, um pneu num carro, um cabo de vassoura num cavalo, uma mesa numa casinha; de conversar sozinhas sem se importar com o mundo à volta delas, de viver no faz-de-conta a vida dos adultos.

Assim posto, as professoras de educação infantil estão incentivando as crianças a produzir pinturas, desenhos e esculturas; estão proporcionando materiais diversos e adequados à faixa etária? As professoras estão propondo brincadeiras com sons, ritmos e melodias com a voz; estão oferecendo instrumentos musicais e outros objetos sonoros? Estão organizando espaços, materiais e atividades para as brincadeiras de faz de conta? As professoras leem diariamente livros de diferentes gêneros? (Indicadores da qualidade na educação infantil, 2009)

Olhando para os relatos de experiências das professoras pesquisadas, como estas questões e outras tantas cabíveis, estão presentes em seu fazer pedagógico?

Em suas palavras elas mencionam:

Professora 1

Tenho trabalhado arte de diversas formas, como representação interpretando um texto, ou seja, desenhando o que entendeu de uma poesia, de uma música, de uma história, de uma peça teatral, ou de um contexto vivenciado como os passeios, brincadeiras e através de várias técnicas de artes, como modelagem, pintura, colagem, desenhos com giz, canetinha, lápis de cor e uso de papéis diversos. (Relato, 2009)

Professora 2

Passei a utilizar a letra da música para desenvolver atividades artísticas, como: colagem, dobradura, pintura, desenho com diversos materiais e modelagem. (Relato, 2009)

Nas palavras da professora 1 evidencia-se um trabalho voltado mais para as técnicas, não deixando clara a ideia de como o ato criativo emerge das atividades propostas, sendo que a professora menciona algumas realizações artísticas das crianças, mas sempre vinculadas a um tema (passeio, música, poesia...).

A professora 2 no trecho apontado também mencionou o uso das técnicas vinculadas ao trabalho com a música.

A proposta de se efetivar uma educação através da arte é muitas vezes conduzida e entendida como um “ensino” da arte, alicerçado no uso de técnicas, em explicações acerca da arte e na interpretação de obras famosas, em detrimento do fazer, do sentir e do experienciar, como alerta Duarte Jr. (2001, p. 190):

O vivido, o experienciado, o sentido, é aquilo que se apresenta para ser pensado; e sempre e com muito mais força durante a infância e a adolescência, quando ainda não se acha arraigado em nós esse compulsivo vício da abstração desencarnada.

Se na concepção das professoras a arte for compreendida como ênfase no uso de técnicas, de que forma as crianças poderão dar asas à sua criatividade? Como poderão alcançar um comportamento criativo? Para Malaguzzi (1999) a criatividade pode ser favorecida ou desfavorecida de acordo com as expectativas das professoras, das escolas, das famílias e das comunidades, bem como da sociedade como um todo e, as crianças, percebem essas expectativas e respondem a elas.

Ao mesmo tempo em que percebemos esse desencontro com a arte, também podemos ver encontros e os relatos nos permitem apontá-los::

Professora 1

Neste trabalho com artes oportunizamos o processo criativo da criança que se manifesta através de uma linguagem, seja ela a dança, a mímica, o desenho, a escultura, a música (canto) entre outros. Este processo é singular, único, original, porque a criança ainda não está impregnada de padrões, regras e preconceitos impregnados na sociedade. (Relato, 2009)

Professora 2

[...] enfatizei também a música, pesquisei várias cantigas de roda, músicas com gestos e brincadeiras, procurando trabalhar o corpo de maneira natural até atingir o nível de sensibilidade, responsável pelo aprimoramento do trabalho com ritmo, som, silêncio...

A poesia que também está presente na música, pois é um jogo entre o som e sentido, forma e conteúdo, realização e imaginação também estiveram bem presentes no dia a dia. As crianças gostam de ouvir e percebem bem depressa a rima, é interessante perceber como a melodia e a sonorização das palavras encanta aos pequenos. (Relato, 2009)

Professora 3

Na Arte também podemos trabalhar os estímulos afetivos, físicos, cognitivos e sensoriais da criança, provocando ações como: criatividade, curiosidade, conhecimentos, cooperação, autonomia..., através das oportunidades, da interação, do lúdico, da rotina, da motivação, da responsabilidade, da referência, da história de vida e de outras possibilidades que podemos proporcionar à criança. (Relato, 2009)

Pensar em arte e Educação Infantil é trazer a arte para a prática cotidiana de creches e pré-escolas; a arte esparramando-se no dia-a-dia das crianças; a arte como elemento principal para compor o currículo (Gobbi, 2007).

Esse olhar para a arte no contexto da educação infantil revela a presença da criança de corpo inteiro, com os sentidos acesos, expressando emoções e sentimentos, envolvida nas diferentes ações, explorando, experimentando, construindo, desconstruindo...

Uma criança que pensa com as mãos, que faz com a cabeça, que escuta e que fala, que compreende com alegria, que ama e se maravilha sempre... (Malaguzzi, 1999)

Nas palavras das professoras pesquisadas se faz presente um fazer pedagógico que está indo na contramão da contaminação que a educação infantil sofre com algumas atividades do ensino fundamental. E, nesse caminho, Mello (2005) destaca a importância de atividades como o desenho, a pintura, as brincadeiras de faz de conta, a modelagem, a construção, a dança, a poesia e a própria fala como [...] *essenciais para a formação da identidade, da inteligência e da personalidade da criança*, [...] (Mello, 2005, p. 24).

Percebemos assim o quanto a educação infantil já avançou na construção de uma pedagogia da infância, onde podemos dizer que as professoras têm sido grandes protagonistas nesse processo.

Nesse sentido, Faria (2007) nos provoca a refletir a importância do nosso papel de professoras de educação infantil com a arte permeando o fazer pedagógico: *O que eu estou colocando à disposição das crianças para elas pensarem a música, o som, a dança? [...] o que nós como professoras, vamos colocar à disposição das crianças para que elas leiam o mundo, inventem o mundo.* (Faria, 2007, p. 138)

Em consonância com a fala de Faria, voltamos aos relatos e trazemos um trecho do depoimento da professora 4:

Neste ano a turma do jacaré, da qual faço parte, construiu não só uma floresta com árvores e silhuetas de animais, como também uma floresta sonora, e foram as crianças pequeninhas que inventaram muitos dos sons que fizeram parte da floresta sonora... Nosso espaço foi ganhando e perdendo árvores, lagos, peixes... As crianças pequeninhas rasgam com frequência aquilo que colocamos nas paredes! Mas conseguimos montar um lindo cenário que fez parte da exposição deste ano!

As coisas que estão presentes neste ambiente, não só as que construímos, mas o que usamos para construir as coisas são muito importantes para conseguirmos inventar! Criar! Materiais recicláveis, objetos da natureza, tintas, colas, sementes, isopor, papel machê, uma infinidade de materiais fazem parte do meu acervo... (Relato, 2009)

Mas, para que as professoras possam ter clareza e consciência do que estão promovendo para que as crianças leiam e inventem o mundo, ponderamos com Duarte Jr. (2001) sobre a importância das experiências sensíveis. É primordial nesse sentido que as professoras ouçam música, assistam a peças de teatro, frequentem museus, sintam o perfume das flores, ouçam os pássaros, percebam as nuances das cores à sua volta, sintam o sabor de uma comida típica, enfim, que apurem e sensibilizem seus sentidos, para que possam oportunizar às crianças estes momentos.

O que pode ser dito também como um fazer pedagógico comprometido com a educação das crianças, construído em conjunto com elas, onde todos “ensinam” e aprendem:

Professora 2

Percebo que no decorrer desse trabalho, conseguimos crescer enquanto grupo, mas ainda precisamos continuar buscando, pesquisando e aprendendo novas formas para encantar nossas crianças... (Relato, 2009)

Um pedagogo da infância é um estudioso da cultura da infância e da cultura infantil, de suas manifestações, da música, das letras, da poesia, das imagens, da pintura, enfim das múltiplas linguagens (Costa, 2007, p. 47).

Em suma, ao buscarmos encontros e desencontros com a arte nos relatos das professoras, para finalizar estas páginas chegamos à reflexão que elas manifestam uma busca constante pelo aprimoramento do seu fazer pedagógico, querendo promover uma educação através da arte, embora ainda se voltem muito para o uso de técnicas. Comentam sobre algumas ações que indicam o reconhecimento da importância da imaginação, da criação, do lúdico, mas não percebemos claramente que elas reconheçam a questão do corpo no processo criativo, no processo de construção de conhecimentos. Conforme não hesita em assinalar Duarte Jr. (2001), tudo começa no corpo; é ele, através dos sentidos, que nos permite perceber os estímulos e as maravilhas dispostas pelo mundo à nossa volta e o papel da educação é convocar a todos para fruir com a realidade de forma mais detida e minuciosa e, para isso, a arte nos provê signos estéticos que tocam a nossa sensibilidade.

Por fim, ao travarmos um debate com as teorias e os relatos, mais do que termos acertado ou errado, prevaleceu a conquista de um aprendizado como pesquisadoras que o curso de especialização instigou e possibilitou, seguindo as palavras da professora Dra. Ana Lúcia Goulart de Faria, que nos “cutucou” constantemente **a familiarizar-nos com o estranho e a estranharmos o familiar.**

CONCLUSÕES FINAIS (?) - UM CAMINHO PROPOSTO, UM ROTEIRO DE VIAGEM

Tendo como base para reflexão tudo o que foi apresentado em nossa pesquisa vimos a necessidade de (re)pensar sobre o nosso papel de professoras de crianças pequenas. Sabemos que a formação inicial é relevante para a inserção no campo profissional (Nascimento), mas o quanto se faz necessário as nossas vivências com a cultura e as intervenções que nela fazemos, buscando nos formar enquanto seres humanos... E é por isso que trazemos a arte para essa reflexão.

Danelon e Cypriano (2003, p. 87), sabiamente nos afirmam esta questão: *“A arte é o centro da vida, e é a partir dela que deciframos o mundo. É somente com os olhos da arte que o homem consegue apreender a sua essência, pois esta se manifesta sob a forma artística.”*

A arte está tão presente em nosso cotidiano, em nossas percepções, em nossos olhares que muitas vezes não nos damos conta dessa arte que nos envolve e nos modifica a cada instante de nossa vida.

É a arte o fundamento do mundo, pois todas as coisas existentes possuem forma, cor, textura, peso, cheiro, e esses objetos são apreendidos pelos nossos sentidos e pela nossa razão. Ao construir algo – qualquer coisa –, o criador está dando livre vazão ao seu imaginário, tornando reais seus desejos, suas fantasias e seus sonhos (DANELON E CYPRIANO, 2003, p.86).

Enquanto professoras de crianças pequenas devemos propor espaços de fruição da arte... A criança pequena é autêntica, produz cultura através de todos os tipos de experiências que vivencia - ao olhar, cheirar, sentir, pegar, quando corre, quando dorme, quando come - enfim, quando seu corpo se manifesta traduzindo a realidade ao seu redor. Neste momento, percebemos o quanto o corpo nessa relação de cada um, e em especial o da criança pequena, interage com o mundo e com as diferentes culturas que permeiam o meio onde vivemos; o corpo como base da construção do nosso conhecimento.

Na verdade, o corpo, por meio da fala, não traduz um pensamento, ele é o próprio pensamento. Ele o exprime na exata medida em que o é. O corpo assegura a transformação das idéias em coisas e, se simboliza a existência é porque a realiza e é sua atualidade (BRANCATTI E GALLO, 2003, p.64).

A criança é movimento e harmonia entre mente e alma. Ela traz para o real todas as possibilidades de um imaginário infantil infinito; assim se constrói seu processo de criação.

Ela é capaz de criar e recriar e, nesse momento, sentir sua criação, transformando este ato, num grande mergulho à fruição. A arte propicia esses momentos, onde os processos criativos são percebidos na sua intensidade e, que além disso, trazem aos indivíduos condições possíveis e próprias de viver, de encarar a realidade, momentos de alegrias e tristezas, manifestando sentimentos de diversas maneiras, exteriorizando-os através desses processos, que se fazem sempre presentes; trazendo à vida prazer, sintonia, um olhar sensível e atento, diferentes significados e transformações.

Quando nós, autoras desta pesquisa, trouxemos questões filosóficas para a discussão, pensando em refletir as ações humanas e os seus fundamentos, acabamos traduzindo nossa concepção de arte “[...] *fazer da própria vida uma obra de arte.*”, que compartilhamos com Mariguela (2003, p.95), que remete ao belo, à fruição, ao olhar sensível e apurado, à estética, à autoria. Podemos fazer esta reflexão partindo do artista, que ao pensar na realização de sua obra, capta elementos que considera significativos ao seu desejo, elementos vindos do real e do imaginário; num processo de total sintonia com a obra, ele intensifica seu prazer, dando vida aos seus pensamentos, ideias e à sua criatividade, tornando-se assim autor de sua própria produção artística, de sua obra de arte.

Assim pensamos a vida... sendo vivida com autoria, sintonia, intenso prazer, com muita criatividade e produção de significados. É como se estivéssemos pintando, desenhando, esculpindo e assim nos tornando sujeitos de nossa própria obra, mesmo que culturalmente não sejamos tidos como artistas; seremos sujeitos de nossa própria vida, construindo nossa própria existência, fazendo uso dos recursos da nossa própria liberdade.

Se pensamos o homem sujeito e autor de sua própria vida, não é difícil percebermos que o corpo foi pouco a pouco sendo habitado como manifestação desta vida, desta existência... Este corpo que vai aos poucos percebendo a vida,

criando formas, estilos próprios para viver e para ser feliz, encontrando a beleza da vida, a estética da vida.

O corpo humano é o corpo que sente, percebe, fala, chama a atenção para o corpo que somos e vivemos. O corpo é presença concreta no mundo, porque veicula gestos, expressões e comportamentos das ações individuais e coletivas de um grupo, comunidade ou sociedade (Brancatti e Gallo, 2003 p.67).

Mas é um corpo que frente à realidade confronta-se com conflitos, dificuldades, problemas e diversas situações que queremos trazer para esta discussão; um corpo que presente no mundo possa ousar, para que através de seus processos criativos vivencie novas experiências e assim possa criar impensadas perspectivas para vida.

O CORPO (Paulinho Moska)

meu corpo tem cinqüenta braços
e ninguém vê porque só usa dois olhos
meu corpo é um grande grito
e ninguém ouve porque não dá ouvidos

meu corpo sabe que não é dele
tudo aquilo que não pode tocar
mas meu corpo quer ser igual àquele
que por sua vez também já está cansado de não mudar

meu corpo vai quebrar as formas
se libertar dos muros da prisão
meu corpo vai queimar as normas
e flutuar nos espaços sem razão

meu corpo vive e depois morre
e tudo isso é culpa de um coração
mas meu corpo não pode mais ser assim
do jeito que ficou após sua educação

(apud Brancatti e Gallo, 2003, p. 67)

Quando mencionamos o corpo que cria, que procura alternativas para viver, que faz da própria vida uma obra de arte, não estamos pensando num afastamento

da realidade, dos problemas, mas sim num enfrentamento criativo, assumindo que precisamos enfrentar os obstáculos, pois esta é a condição da vida...

“Contra a dor do viver não há remédio. Trata-se de assumir essa condição e criar. É no exercício da liberdade, no ato criativo, que os humanos poderão transformar a vida numa obra de arte (Mariguela, 2003, p. 98).”

Mariguela (2003, p. 98) ainda contribui...

Instaurar a beleza pelas pulsações do desejo. O que quer o corpo? Prazer. Mas esse prazer desejado não poderá ser obtido pela negação da dor, e sim, pelo seu enfrentamento. O corpo está submisso às condições temporais, como tudo na natureza. As contingências o atravessam de ponta a ponta. Comer, beber, acasalar são as pulsões primárias do corpo. Amar, sonhar, desejar, ser feliz, são possíveis desde que essas condições elementares estejam satisfeitas.

O corpo, portanto, é nossa presença concreta no mundo. Será que as crianças, meninos e meninas estão tendo oportunidades de se fazer presente no mundo? Será que estão tendo voz, dizendo o que pensam, podendo construir as mais "absurdas" hipóteses e serem valorizados por elas? Será que estão tendo espaços e recursos para expressar seus desejos, sua criatividade, explorando os espaços de acordo com suas reais necessidades? O corpo da criança está realmente presente?

Trazemos em nossa discussão a importância de conhecermos muito bem os meninos e meninas para que possamos compreender suas produções culturais, suas maneiras de ver e pensar a vida, seus medos, angústias e desejos, que podem nos dar muitas pistas de como prosseguir enquanto professoras de educação infantil.

Para tanto, o respeito e o olhar sensível são fundamentais, pois a partir do momento em que o vínculo é construído, a relação se torna sólida, nos tornamos parceiros e cúmplices, aprendemos uns com os outros as mais variadas formas de construção de conhecimentos e de produções culturais...

[...] não basta observar a criança, de fora, como também não basta prestar-se a seus brinquedos; é preciso penetrar, além do círculo mágico que dela nos separa, em suas preocupações, suas paixões, é preciso viver o brinquedo (Bastide, 1979 apud Quinteiro, 2005, p.30).

A criança se afasta da verdade universal e vai além da subjetividade, entrelaçando real e imaginário, invertendo a ordem das coisas, aprendendo a conviver com o inusitado e com o que antes parecia estranho e não tão familiar; assim, vai se transformando e transformando a realidade à sua volta e, a possibilidade do envolvimento com a diversidade de experiências que a arte traz, torna isso realmente possível. Trata-se de descobrir e aceitar a capacidade que as crianças têm de lidar com o desconhecido, de estranhar, de admirar, de projetar sentidos, imaginar e narrar através do corpo, que pode perfeitamente fazer isso, sentindo e compartilhando sentidos, se fazendo mais presente que suas próprias palavras.

Tendo a arte uma força poética, sua presença na formação tanto das crianças quanto dos educadores que lidam com essas crianças, é nossa meta nesta pesquisa. Porém, através dos estudiosos que pesquisamos, através de nossas próprias experiências com as crianças pequenas e por meio da investigação dos relatos das quatro professoras, sabemos que a arte é considerada uma área de conhecimento estanque, que se reduz na aplicação de técnicas e na intenção de relaxar ou atenuar tensões, não sendo vista e entendida como de fato deveria ser: como meio dos indivíduos sentirem e entenderem o mundo, aprendendo num processo dinâmico onde ambos se transformam.

Quando falamos de infância, especificamente na perspectiva da educação das crianças pequenas em espaços coletivos, percebemos com clareza, através de nossas discussões com outras educadoras nos espaços pedagógicos, o esquecimento ou a irrelevância da arte, da ludicidade, do brincar, do prazer, que juntos dão sentido ao mundo, principalmente ao mundo das crianças. Sendo assim, isto se torna um grande problema, já que na educação infantil esta concepção muitas vezes ainda se faz presente.

As concepções de criança e infância, trazidas por Kramer nesta pesquisa, nos mostram que, apesar dos avanços, ainda existe uma preocupação muito grande em preparar as crianças para o amanhã, esquecendo-se do hoje e, esta preocupação se evidencia através de controle, de filas, de atividades pré-estabelecidas pelos adultos sem levar em conta os desejos e necessidades das crianças; na organização dos espaços de maneira a não permitirem a autonomia ou a circulação das crianças pela sala ou pela “escola”; na arte vista em segundo plano, quando se diz às crianças que podem fazer arte depois de uma atividade tida como mais importante, com a

ausência ou talvez o esquecimento do prazer, na instrumentalização da arte. Assim, se há ausência de prazer, elimina-se conseqüentemente a estética, a beleza, a fruição, o entrelaçamento do real e do imaginário; dá-se a separação de corpo e mente na organização do pensamento, não permitindo à criança aprender a transitar entre os elementos da realidade e da imaginação, não permitindo às crianças um aprendizado e uma apreciação de vivenciar experiências de encantamento.

Ao falarmos em experiências de encantamento, justificamos a presença fundamental, nesta pesquisa, da filosofia e suas contribuições através da interlocução de Mariguela, Brancatti e Gallo, que nos colocam frente ao desejo, à estética, à contemplação e ao vislumbamento do belo, ao nos trazerem a criação e a vivência da vida com beleza, como forma de tornar possível e prazerosa a difícil tarefa de viver, rumo à busca da felicidade, no constante exercício de sermos fortes e criativos, sujeitos de nossa própria existência. Justificamos a presença do corpo operante, trazido por esses filósofos, que apontam Merleau Ponty como um dos filósofos deste século que talvez mais tenha contribuído para a compreensão do corpo e suas relações com o mundo e as coisas do mundo, como ponto de partida ao conhecimento. E, as contribuições de Danelon e Cypriano trazendo a arte como fundamento da vida, fundamento do mundo, com um olhar atravessado pela estética, onde os indivíduos dão vazão ao seu imaginário, tornando reais seus desejos, fantasias e sonhos.

Contudo, trata-se de destacar na pesquisa, a relevância da discussão sobre a intencionalidade da arte como fundamental na constituição de um currículo para a educação infantil na concepção que trazemos a partir dos autores pesquisados, principalmente dos filósofos. Encarando a arte como experiência, experiência aqui tratada no sentido que Merleau Ponty nos aponta, como atividade intelectual, imprescindível, significativa, relevante e absoluta na infância, com entrelaçamento do real e do imaginário que habitam o indivíduo, e, assim, decifrando o mundo através da arte, das construções, da pintura, da modelagem, do desenho, das releituras de imagens e obras de arte, da observação de situações das mais adversas, do contato direto com experiências estéticas e no conhecimento de lugares onde a arte recebe valorização, destaque e apreciação. Destacando a importância de não só proporcionar isto às crianças, mas como também aos educadores que lidam diretamente com elas, para que sintam a real importância deste contato direto com a arte.

A verdadeira surpresa desta pesquisa é trazer à tona, o óbvio, concebendo-o como estranho, transgredindo a ordem das coisas, dos pensamentos, das verdades absolutas, contestando estas verdades, se espantando com o conhecido, estranhando o familiar. Esta surpresa trará em sua essência a abertura a um novo mundo, a novas idéias, novas possibilidades e aprendizagens; existirá uma liberdade de pensamento levada a um infinito prazer de manifestar da forma mais livre e natural seus mais profundos desejos.

O que é mais prazeroso do que fazer novamente aquilo que acabou de lhe trazer uma sensação inexplicável de prazer? O que é mais prazeroso do que sentir novamente uma sensação absoluta de êxtase, de excitação, de fascinação, do encontro com a beleza e com a felicidade...

Esse sentimento de beleza e alegria emerge do viver, da transformação de experiências diárias em nova realidade, onde ultrapassar os limites é condição, onde perceber a realidade e uni-la ao imaginário, (re)significando-a, seja concebido com naturalidade.

A experiência, compartilhada pelo corpo que pensa, que fala, que cria, emergido em ações criativas, torna a vida significativa; assim, ela se torna necessária, uma necessidade cognitiva, que nos ensina a conceber, entender e viver o mundo e, por consequência, nos transformarmos, nos re-inventarmos, nos tornarmos quem sabe, nossa própria obra de arte.

BIBLIOGRAFIA

BANDEIRA, Pedro. **Mais respeito, eu sou criança!** 3. ed. São Paulo: Moderna, 2009, p. 16.

BRANCATTI, Paulo Roberto; GALLO, Sílvio. O corpo. In: GALLO, Sílvio (coord.). **Ética e cidadania:** caminhos da filosofia. 11. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2003, p. 61-68.

BUORO, Anamélia Bueno. **Olhos que pintam:** a leitura da imagem e o ensino da arte. São Paulo: Cortez, 2002.

CARVALHO, Maria Cristina Monteiro Pereira de. Infância, leitura e escrita: entrando numa escola de formação de professores. In: FAZOLO, Eliane; CARVALHO, Maria Cristina M. P. de; LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira; KRAMER, Sonia (orgs.). **Educação Infantil em curso.** Rio de Janeiro: Ravil, 1997, p. 96-124.

CIASCA, Maria Helena Nóbrega Z. M. de Campos. Procurando arte nos cadernos de estágio em educação infantil. Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia, FE-UNICAMP, 2007.

CORRÊA, Ayrton Dutra. Entrelaçamentos entre trajetória pessoal e profissional. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (org.). **Arte, Educação e Cultura.** Santa Maria: Editora da UFSM, 2007, p. 131-151.

COSTA, Eliana Aparecida Pires da. O primeiro leitor e a formação das profissionais da educação infantil. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; MELLO, Suely Amaral. **Territórios da Infância:** linguagens, tempos e relações para uma pedagogia para as crianças pequenas. Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2007, p. 45-56.

CYPRIANO, Carlos Henrique; DANELON, Márcio. Estética: arte e vida cotidiana. In: GALLO, Sílvio (coord.). **Ética e cidadania:** caminhos da filosofia. 11. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2003, p. 83-94.

DAHLBERG, Gunilla; MOSS, Peter; PENCE, Alan. **Qualidade na Educação da Primeira Infância:** perspectivas pós-modernas. Tradução de Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2003, p. 63-85.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Infância, pesquisa e relatos orais. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; DEMARTINI, Zeila; PRADO, Patrícia (orgs.). **Por uma cultura da**

infância: metodologias de pesquisa com crianças. 2. ed. Campinas: Autores associados, 2005, p. 1-17.

DUARTE JR. João-Francisco. **Por que arte-educação?**. 6. ed. Campinas.SP: Papyrus, 1991.

_____. **O sentido dos sentidos:** a educação (do) sensível. Curitiba, PR: Criar Edições, 2001, p. 161-221.

EDWARDS, Carolyn. Parceiro, Promotor do Crescimento e Guia: Os Papéis dos Professores de Reggio em Ação. In: EDWARDS, Carolyn, GANDINI, Lella, FORMAN, George. **As cem linguagens da criança:** abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999, p. 159-176.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma pedagogia da educação infantil. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; PALHARES, Mariana S. (orgs.). **Educação Infantil pós-LDB:** rumos e desafios. 6. ed. Campinas: Autores Associados, 2007, p. 67-99.

FREITAS, Marcos Cezar. O coletivo infantil: o sentido da forma. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de (org.). **O Coletivo infantil em creches e pré-escolas:** falares e saberes. São Paulo: Cortez, 2007, p. 7-13.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Imagens entrecruzadas de infância e de produção de conhecimento histórico em Walter Benjamin. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; DEMARTINI, Zeila; PRADO, Patrícia (orgs.). **Por uma cultura da infância:** metodologias de pesquisa com crianças. 2. ed. Campinas: Autores associados, 2005, p. 49-68.

GARCIA, Regina Leite. **Múltiplas linguagens na escola.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

GUIMARÃES, Daniela de Oliveira. Construindo um projeto de educação infantil: a Casa Monte Alegre, sua vida e sua história. In: FAZOLO, Eliane; CARVALHO, Maria Cristina M. P. de; LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira; KRAMER, Sonia (orgs.). **Educação Infantil em curso.** Rio de Janeiro: Ravil, 1997, p. 127-152.

GOBBI, Márcia. Desenho infantil e oralidade: instrumentos para pesquisa com crianças pequenas. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; DEMARTINI, Zeila; PRADO, Patrícia (orgs.). **Por uma cultura da infância:** metodologias de pesquisa com crianças. 2. ed. Campinas: Autores associados, 2005, p. 69-92.

GOBBI, Márcia. Ver com olhos livres: arte e educação na primeira infância. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de (org.). **O Coletivo infantil em creches e pré-escolas: falares e saberes**. São Paulo: Cortez, 2007, p. 29-54.

KRAMER, Sonia. Infância e Educação Infantil: Reflexões e Lições. In: **Educação, Psicologia e Contemporaneidade. Novas Formas de Olhar a Escola**. São Paulo: Cabral Editora Universitária, 2000, p.29-43.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Política de formação profissional para a educação infantil: Pedagogia e Normal Superior. **Educação e Sociedade**. Campinas, n. 68, p. 61-79, dez. 1999.

KUHLMANN JR., Moysés. Educação infantil e currículo. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; PALHARES, Mariana S. (orgs.). **Educação Infantil pós-LDB: rumos e desafios**. 6. ed. Campinas: Autores Associados, 2007, p. 51-65.

LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana Esmeralda. Formação de professores: o convite da arte. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda; LEITE, Maria Isabel. **Arte, infância e formação de professores: autoria e transgressão**. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2004, p. 11-24.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Arte da docência em arte: desafios contemporâneos. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (org.). **Arte, Educação e Cultura**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2007, p. 231-249.

MALAGUZZI, Loris. História, Ideias e Filosofia Básica. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999, p. 59-104.

MARIGUELA, Márcio. Estética de si. In: GALLO, Sílvio (coord.). **Ética e cidadania: caminhos da filosofia**. 11. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003, p. 95-102.

MEC/ SEB. **Indicadores da Qualidade na Educação Infantil**. Brasília - DF: 2009.

MELLO, Suely Amaral. O processo de aquisição da escrita na educação infantil: contribuições de Vygotsky. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; MELLO, Suely Amaral (orgs.). **Linguagens Infantis: Outras formas de leitura**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005, p. 23-40.

NASCIMENTO, Clara Germana Sá G. A formação do professor e a prática pedagógica. **Pro-posições**. Campinas, vol. 11, n. 3 (33), p. 34-44, nov. 2000.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987, p. 9-30.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; MOGNOL, Leticia Coneglian. A arte no contexto de Educação Infantil. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (org.). **Arte, Educação e Cultura**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2007, p. 215-230.

PIMENTA, Selma Garrido. Aspectos Gerais da Formação de Professores para a Educação Infantil nos Programas de Magistério – 2º Grau. In: MEC/SEF/DPE/COEDI **Por uma política de formação do profissional de Educação Infantil**. Brasília-DF: 1994, p. 43-50.

PORTER, Roy. História do Corpo, In: BURKE, Peter. **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p. 291-326.

PRADO, Patrícia Prado. As crianças pequeninhas produzem cultura? Considerações sobre educação e cultura infantil em creche. **Pro-Posições**: revista quadrimestral da Faculdade de Educação/UNICAMP, Campinas, v. 10, n.1 [28], p. 110-118. mar. 1999.

PRADO, Patrícia Dias. Quer brincar comigo? Pesquisa, brincadeira e educação infantil. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; DEMARTINI, Zeila; PRADO, Patrícia (orgs.). **Por uma cultura da infância**: metodologias de pesquisa com crianças. 2. ed. Campinas: Autores associados, 2005, p. 93-111.

QUINTEIRO, Jucirema. Infância e educação no Brasil: um campo de estudos em construção. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; DEMARTINI, Zeila; PRADO, Patrícia (orgs.). **Por uma cultura da infância**: metodologias de pesquisa com crianças. 2. ed. Campinas: Autores associados, 2005, p. 19-47.

ROSA, Cristina Dias; LOPES, Elisandra Silva. Aventuras de viver, conviver e aprender com as crianças. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). **Educação Infantil: Saberes e fazeres da formação de professores**. Campinas, SP: Papyrus, 2008, p. 49-68.

SANS, Paulo de Tarso Cheida. **A criança e o artista**. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

SOLON, Francisca Sandra Vitor. **Que coisa feia, que papelão... Dizer não à arte na educação infantil.** Memorial, FE-Unicamp, 2006.

VALVERDE, Sonia Larrubia. As múltiplas linguagens: encorajar a ler. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; MELLO, Suely Amaral (orgs.). **Territórios da Infância:** linguagens, tempos e relações para uma pedagogia para as crianças pequenas. Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2007, p.31-56.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. Obras escojidas. Madrid: Visor, 1991, p. 139-157.

ANEXOS

ANEXO A – POESIA: AO CONTRÁRIO, AS CEM EXISTEM (LORIS MALAGUZZI)

A criança
é feita de cem.
A criança tem cem mãos
cem pensamentos
cem modos de pensar
de jogar e de falar.
Cem sempre cem
modos de escutar
de maravilhar e de amar.
Cem alegrias
para cantar e compreender.
Cem mundos
para descobrir
Cem mundos
para inventar
Cem mundos
para sonhar.
A criança tem
cem linguagens
(e depois cem cem cem)
mas roubaram-lhe noventa e nove.
A escola e a cultura
lhe separam a cabeça do corpo.
Dizem-lhe:
de pensar sem as mãos
de fazer sem a cabeça
de escutar e de não falar
de compreender sem alegrias
de amar e de maravilhar-se
só na Páscoa e no Natal.
Dizem-lhe:
de descobrir um mundo que já existe
e de cem roubaram-lhe noventa e nove.
Dizem-lhe:
que o jogo e o trabalho
a realidade e a fantasia
a ciência e a imaginação
o céu e a terra
a razão e o sonho
são coisas
que não estão juntas.
Dizem-lhe enfim:
que as cem não existem.
A criança diz:
ao contrário as cem existem.